



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA

VÍTOR MIGUEL RODRIGUES GONÇALVES ROCHA

O martírio contemporâneo à luz de Cl 1, 24.

Trabalho desenvolvido no âmbito da Unidade Curricular

Dissertação

sob orientação de:

Prof. Doutor João Alberto Correia

Braga
2016

Resumo

A presente investigação teve como ponto de partida a análise ao versículo 24 da Carta aos Colossenses: «*Agora, alegro-me nos sofrimentos que suporto por vós e completo na minha carne o que falta às tribulações de Cristo, pelo seu corpo que é a Igreja*». Da mesma foi possível inferir que as traduções portuguesas não exprimem claramente o conteúdo do versículo, nem a exegese compreendeu, ao longo da história, o seu correto significado. Por isso, propomos a tradução: «*Agora, alegro-me nos sofrimentos que suporto por vós e completo o que falta das tribulações de Cristo à minha carne pelo seu corpo, que é a Igreja*». Assim sendo, a expressão «tribulações» não se refere apenas aos sofrimentos da Paixão, mas a toda a vida de Cristo. Da mesma forma, ao contrário do que postulam as teses exegéticas mais comuns, aquilo que o versículo afirma é a necessidade que cada cristão tem de se configurar mais a Cristo – e não de completar os sofrimentos ou Paixão de Cristo, uma vez que esta é plena e está completa.

Neste sentido, podemos alargar a compreensão do termo *mártir* – aquele que testemunha Cristo – àqueles o que O imitam, o que abrange expressões como *caridade, oração e morte*. Assim, todo aquele que na sua vida imita Cristo configura-se a Ele, ou seja, completa em si mesmo o que lhe falta das tribulações de Cristo e testemunha-O igualmente. Este testemunho pode ser vislumbrado nos milhares de cristãos que ao longo da história, em especial nos séculos XX e XXI, foram perseguidos por causa da sua fé.

Palavras-chave: tribulações, sofrimentos, configuração, martírio, caridade, oração, perseguição.

Abstract

This present research has had as its starting point the analysis of Colossians 1:24: «*Now, I rejoice in what I am suffering for you, and I fill up in my flesh what is still lacking in regard to Christ's afflictions, for the sake of his body, which is the Church*». This has enabled us to infer that neither the Portuguese translations of the afore-mentioned text express the clear content of the verse, nor have the exegetes understood, throughout history, its full meaning. Hence, we propose the following translation: «*Now I rejoice in the sufferings I withstand for you and I complete what the afflictions of Christ are lacking to my flesh through its body which is the Church*». Therefore, the term «afflictions» does not refer exclusively to the sufferings of the Passion, but comprises the whole life of Christ. Again, contrary to most exegetes' theses, the verse basically expresses the need every christian has of further configuring himself with Christ – and not the one of completing the sufferings or Passion of Christ, since this process is obviously fully completed.

Subsequently, we can expand the understanding of the term *martyr* – every one who testifies Christ – to those who imitate Thee, a conduct which encompasses expressions such as *charity*, *prayer* and *death*. Hence, every one who imitates Christ throughout life configures himself to Thee, e.g., to complete in oneself what one is lacking of the afflictions of Christ, in addition to testifying Thee. Such testimonies can be found in the lives of thousands of christians that, in the course of history, particularly in the 20th and the 21st centuries, have been persecuted for their faith.

Keywords: afflictions, sufferings, configuration, martyrdom, charity, prayer, persecution.

Siglas

DENT I – *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento, I*, ed. Sígueme, 3ª edición, Salamanca, 2005

DENT II – *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento, II*, ed. Sígueme, 2ª edición, Salamanca, 2002

GLNT VI – *Grande Lessico del Nuovo Testamento, VI*, ed. Paideia, Brescia, 1968.

NDTB – *Nuevo Diccionario de Teología Bíblica*, ed. Paulinas, Madrid, 1990.

Introdução

«No final do segundo milénio, a Igreja tornou-se novamente Igreja de mártires. As perseguições contra os crentes — sacerdotes, religiosos e leigos — realizaram uma grande sementeira de mártires em várias partes do mundo»¹.

Nos primeiros séculos da Igreja, a condenação e o martírio de muitos cristãos ocorria em público e nas arenas para os aterrorizar, persuadir e humilhar. Nos nossos dias, o espaço público ocorre na internet, que serve para os mesmos fins de propaganda, como aconteceu com os vinte e um cristãos coptas assassinados na Líbia no início de janeiro de 2015. A divulgação do vídeo do massacre pretendia aterrorizar os cristãos e o mundo, numa demonstração de força, convicção e ausência de limites éticos no caminho de imposição de uma ideologia política e religiosa.

À semelhança dos mártires dos primeiros séculos (século II – século IV), todos os que derramam o seu sangue por causa da fé no Filho de Deus espalham grande sementeira que floresce e dá vida à Igreja. Eles são também causa de escândalo e loucura (cf. 1Cor 1, 23) para os demais, mesmo que a imagem que transmitem seja a da morte e do fracasso. Porém, serão mesmo fracassos? Que recompensa recebem os que morrem por causa da fé? Onde encontram conforto os que sofrem perseguição? Como não desesperar perante as investidas dos perseguidores? Que relação existe entre os que testemunham Cristo pelas obras e os que O testemunham com o derramamento de sangue?

As inquietações que a realidade martirial atual suscitam nos crentes e não crentes em Jesus Cristo são muitas e muito diversificadas. Em particular, procuraremos perceber em que medida a teologia e espiritualidade martirial estão presentes na Igreja, tendo como ponto de partida a expressão paulina *«Agora, alegro-me nos sofrimentos que suporto por*

¹ João Paulo II, Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, 37, in *AAS*, 87, (1995), 29.

*vós e completo o que falta das tribulações de Cristo à minha carne pelo Seu Corpo, que é a Igreja*² (Cl 1, 24).

Oportunamente, demonstraremos como, a partir desta afirmação, é possível inferir que os sofrimentos que Paulo suporta são para ele uma oportunidade de se configurar com Cristo e, só na medida em isso acontece, tal se torna proveitoso para a edificação da Igreja, Seu Corpo visível.

Assim, tendo como ponto de partida a expressão paulina supracitada, apresentaremos as conclusões da exegese atual, não só do versículo em si, mas de toda a envolvência. Começaremos por estudar resumidamente o Apóstolo Paulo (1.1.), a comunidade de Colossos (1.2.), e as razões para a escrita da Carta, bem como o seu conteúdo (1.3.). De seguida, abordaremos o versículo em estudo (1.4.), quanto ao enquadramento (1.4.1.), à análise gramatical (1.4.2.) e ao respetivo comentário exegético (1.4.3.).

Num segundo momento, apresentaremos a teologia e espiritualidade cristã do martírio, com especial destaque para os fundamentos e a atualidade deste gesto e caminho de vida cristã.

Tendo por base Cristo (2.1.), o mártir por excelência, exporemos a teologia e espiritualidade martirial (2.2.), nas suas diferentes compreensões: martírio de sangue (2.2.1.), martírio de castidade (2.2.2.) e martírio de caridade (2.2.3.). Resumidamente, aludiremos ainda a outras compreensões do martírio (2.2.4.).

Ainda, de forma bastante resumida, citaremos alguns casos particulares de cristãos que não temem colocar a fé de Jesus Cristo, com tudo o que isso implica, no topo dos valores a defender, inclusive com a própria vida (2.3.).

² Tradução proposta por Jean-Noël Aletti, conforme veremos no ponto 1.4.2. *Análise Gramatical*.

Na Conclusão, sintetizaremos e enquadraremos a expressão paulina na presente realidade martirial, tendo por auxílio escritos papais e episcopais, que revelam a significativa importância do testemunho de fé para a vida da Igreja e até para a unidade dos Cristãos.

1. Dos sofrimentos de Paulo às tribulações de Cristo

O versículo bíblico que orientará o nosso estudo enquadra-se no epistolário paulino. A Carta aos Colossenses situa-se no cânone neotestamentário. No geral, esta carta apresenta assinalável proximidade de conteúdos e estilo relativamente à Carta aos Efésios. Tem-se destacado nos estudos contemporâneos pelas dúvidas quanto à autoria e possíveis divergências com o pensamento paulino, questão que desenvolveremos nos pontos que se seguem.

1.1. O Autor da Carta aos Colossenses

A discussão sobre o verdadeiro autor deste escrito está longe de reunir consenso. Como sabemos, a pseudonímia foi um recurso literário recorrente durante muitos séculos porquanto ajudava a conferir autoridade, sendo um fenómeno que perpassa não só o Antigo e o Novo Testamentos como também alguns livros apócrifos judeus e cristãos³.

Assim sendo, a presença de elementos identificativos na abertura («Paulo, Apóstolo de Cristo Jesus por vontade de Deus, e o irmão Timóteo, aos irmãos em Cristo, santos e fiéis, que vivem em Colossos: a vós a graça e paz da parte de Deus, nosso Pai» [1, 1-2]) e na conclusão («A saudação é da minha mão, Paulo» [4, 18a]) não bastam para garantir que a carta tenha sido escrita ou sequer ditada pelo próprio Paulo.

Na verdade, alguns exegetas e comentadores bíblicos⁴ insistem na tese da pseudonímia por encontrarem elementos em Colossenses que não se encontram nos escritos indiscutivelmente autênticos de Paulo.

³ Cf. MALY, Eugene H., *Conocer la Biblia: Nuevo Testamento. Epístolas de Santiago, Judas y Pedro*, ed. “Sal Terrae”, Santander, 1966, p. 85.

⁴ E. Schweizer e J. Gnifka, cf. PENNA, R., “Colossenses (Carta a los)”, *NDTB*, p. 289.

Neste sentido, Romano Penna eelena oito motivos teológicos e três literários que sublinham a tese da inautenticidade da Carta. Os elementos literários, ou textuais, que concorrem para a tese da inautenticidade são, segundo ele, os seguintes:

- a) a ausência de linguagem fundamental na pregação paulina, concretamente de termos como «*dikaiosýne*, “justiça” e toda a sua família lexical, (...) *nómos*, “lei”, *kaujásthai*, “gloriar-se”, o verbo *pisteúein*, “crer”, (...) *hypakoé*, “obediência”, *koinonía*, “comunhão”, e *epanghelía*, “promessa”»⁵;
- b) a presença em Colossenses de 34 palavras que não surgem no restante Novo Testamento e, pelo contrário, a ausência dos restantes escritos do epistolário paulino de 28 palavras de Colossenses;
- c) a particularidade de nesta carta nunca se utilizar o vocativo “irmãos”, presente repetidas vezes em todas as cartas proto-paulinas⁶, como marca digna de saliência.

O mesmo autor descreve ainda oito motivos teológicos que justificam a inautenticidade da Carta, a saber:

- a) o facto de surgir pela primeira vez a terminologia «os Tronos e as Dominações, os Poderes e as Autoridades» (1, 16), associada a Cristo como vencedor destas entidades e Senhor e sustentador de tudo;
- b) a definição de Igreja com uma dimensão universal (ao contrário do que acontece nos escritos considerados autênticos, que assumem o termo *ἐκκλησία* para definir cada igreja particular, localizada num espaço concreto);
- c) o batismo realiza a ressurreição no batizado, isto é, a ressurreição deixa de ser um acontecimento do futuro escatológico (cf. Rm 6, 5-8), e passa a ser uma

⁵ *Ibid*, p. 289.

⁶ Cf. *Ibid*, p. 290.

condição do batizado (cf. Cl 2, 12 «Sepultados com Ele no Baptismo, foi também com Ele que fostes ressuscitados»).

- d) a escatologia deixa de ser apenas um acontecimento temporal para ganhar uma dimensão espacial tipicamente platónica (particularmente visível em Cl 3, 1 «procurai as coisas do alto», por exemplo);
- e) os batizados já estão salvos, pelo que o ministério do apóstolo consiste em manifestar o “mistério” escondido até então e agora revelado;
- f) a expressão «vos revestistes do homem novo» em Cl 3, 10 estabelece um paralelismo com a expressão «revestistes-vos de Cristo» de 2Cor 5, 17, muito embora insira na antropologia cristã um sentido antropológico-moral;
- g) enquanto nos escritos autenticamente paulinos se entende por fé o exercício de adesão a Cristo, nesta carta é salientado o conteúdo e objetividade da fé;
- h) finalmente, o tema da esperança é tratado como um dado objetivo («a esperança que vos está reservada no céu» [Cl 1, 5]), em detrimento de um ato paradoxal, tenaz e trabalhoso que ainda esteja por concretizar.

Precisamente pelo facto de Paulo não utilizar o verbo “esperar”, juntamente com o importante subtema do sofrimento e da prova, coloca-se em evidencia que «a vida do próprio apóstolo já é entendida como modelo de compromisso e de sofrimento»⁷, o que permite comprovar mais uma vez a distância entre a vida de Paulo e a data da carta.

A partir destes elementos, torna-se evidente que muito provavelmente não terá sido Paulo, pelo seu próprio punho, a escrever a Carta aos Colossenses. No entanto, não é possível excluí-la do epistolário paulino, por ser um documento claramente devedor do pensamento do apóstolo e, além disso, conter «expressões e frases tipicamente paulinas»⁸, o que autentifica, pelo menos a título “moral”, a assinatura paulina.

⁷ *Ibid.*, p. 292.

⁸ SCHWEIZER, Eduard, *La Carta a los Colosenses*, ed. Sígueme, Salamanca, 1987, p. 23.

Com efeito, a concordância entre esta e outras cartas assenta, segundo Eduard Schweizer, nos seguintes elementos:

- a) Paulo e Timóteo aparecem como autores, à semelhança do que acontece em 2Cor 1, 1 e Fl 1, 1;
- b) a carta ocupa-se, como é típico, das experiências da comunidade;
- c) a estrutura literária ou textual corresponde à adotada na Carta aos Romanos⁹.

No entanto, para o mesmo autor, Cl 1, 24 transcende em muito o que se encontra em Rm 15, 15-21. Nesse sentido, a ausência de termos como “espírito”, “lei”, “justiça” e de um nexos lógico entre os temas da carta, fica vincada a possibilidade de o Apóstolo Paulo não ser o autor da Carta aos Colossenses¹⁰. Deste modo, cabe esclarecer, como concluiu Schweizer na discussão da verdadeira autenticidade, que «não se pode demonstrar esta hipótese [da inautenticidade] nem a contrária [da autenticidade]»¹¹.

Joaquim Gnilka conclui, igualmente, que esta carta, tal como a Carta aos Efésios, é deutero-paulina. O mesmo é dizer que não foi escrita, pelo menos integralmente, pelo Apóstolo, mas por um círculo de discípulos, ou por uma escola de tradição paulina, que seguia, no geral, o seu pensamento¹².

Neste sentido, a questão da autoria da Carta ganha relevância, porquanto são significativas as linhas de pensamento que a orientam, importando-nos saber tanto quais são as linhas de pensamento do próprio Paulo quanto se estas estão, de algum modo, alteradas neste escrito.

Assim, James Dunn descreve as linhas do pensamento paulino numa dinâmica de diálogo. Segundo ele, «podemos falar de dois níveis da teologia de Paulo: uma é a da

⁹ Cf. *Ibid*, p. 23.

¹⁰ *Ibid*, p. 26.

¹¹ *Ibid*, p. 30.

¹² Cf. GNILKA, Joaquim, *Teología del Nuevo Testamento*, ed. Trotta, Madrid, 1998, p. 343.

história de Israel e a outra a da história de Cristo. A interação (diálogo) entre as duas é um dos aspetos mais fascinantes da teologia de Paulo»¹³. A este respeito, note-se que Paulo concentra em si “o estudo” da teologia cristã, pois nem o Apóstolo de Cristo deixou de ser Saulo, judeu, nem abandonou a fé monoteísta, tal como também não abandonou as categorias judaicas, dando-lhes antes nova compreensão e esclarecimento.

Neste sentido, a teologia paulina está indelevelmente marcada por um constante “diálogo” *em* três níveis, a saber:

- a) as suas convicções e categorias judaicas;
- b) a fé, que se lhe iluminou na estrada de Damasco;
- c) as cartas, onde se torna mais visível o carácter dialógico da referida teologia, e *entre* três níveis internos a cada um dos níveis anteriormente referidos:
 - I) fariseu;
 - II) cristão;
 - III) e apóstolo¹⁴.

Assim, para Paulo, a fé em Jesus Cristo não representou um abandono da fé no Deus das Escrituras, mas encontrou o seu cumprimento em Jesus, sendo que Ele «funcionou como o ponto fulcral, a chave que decifrou enigmas das Escrituras, a luz que iluminou os seus lugares obscuros»¹⁵, embora Deus continuasse a ser o fundamento da sua teologia. Neste sentido, imagens como o “templo” continuaram a ser para ele uma preocupação, porém, não como construção física, edifício de pedra, mas realidade visível nos crentes, que, sendo “santos”, eram templo e sacerdotes ao serviço do evangelho. Assim também, Jerusalém continuou a ser pensada como imagem de salvação e liberdade (Gl 4,

¹³ DUNN, James D. G., *A teologia do apóstolo Paulo*, ed. Paulus, São Paulo, 2003, p. 817.

¹⁴ Cf. *Ibid*, p. 801

¹⁵ *Ibid*, p. 816.

26), não esquecendo o papel das Escrituras na compreensão de Cristo, contrariamente à opinião de Marcião¹⁶.

Recordemos que a lei continuou a ser incumbida de definir o pecado e condenar as transgressões, consistindo num guia para viver e na justa medida da ira divina. Refira-se igualmente que nos escritos paulinos encontram-se, ainda, diversas imagens e categorias tipicamente hebraicas. Esse é o caso das narrativas adâmicas, das imagens do sacrifício, expiação e justiça de Deus, entre outras¹⁷.

No tocante ao objeto primeiro da presente investigação, diga-se que o tema a abordar – a participação em Cristo – predomina nas cartas paulinas. Com efeito, o pensamento de Paulo a este respeito evoca uma espécie de mística sacramental, mediante a qual a participação no corpo e sangue de Cristo constituem o processo de salvação, ou seja, a conformidade crescente experimentada especialmente com a morte e que não pode ser experimentada apenas nos momentos de culto¹⁸.

1.2. A Comunidade de Colossos

A Carta aos Colossenses foi dirigida à comunidade cristã residente em Colossos, situada no vale do Rio Lico, na Frígia (Ásia Menor), próxima de outras cidades, como Laodiceia, Hierápolis, Éfeso, Sardes, Esmirna e Mileto¹⁹.

Laodiceia é mencionada por Heródoto e Xenofonte, no século V a. C., como sendo uma cidade grande e próspera. Segundo Flávio Josefo, pelo ano 213 a. C., Antíoco III

¹⁶ Marcião, considerado de linha gnóstica, foi excomungado no ano 144, por afirmar que o Deus do Antigo Testamento é inconciliável com o Deus do Novo Testamento. Fundou uma contra-igreja, onde, entre outros pontos cismáticos com a ortodoxia cristã, «estabeleceu o seu próprio Cânon de textos sagrados, rejeitando o que o incomodava (principalmente Antigo Testamento) e apoiando-se apenas em São João e São Paulo, depois de os expurgar». Cf. DANIEL-ROPS, *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, ed. Quadrante, São Paulo, 1988, p. 287.

¹⁷ Cf. DUNN, James D. G., *o. c.*, pp. 808-812.

¹⁸ Cf. *Ibid*, pp. 819-820.

¹⁹ Cf. PASTOR, Federico, *Corpus Paulino II. Comentarios a la Nueva Biblia de Jerusalén*, ed. Desclée De Brouwer, 2ª edição, Sevilha, 2005, p. 101.

terá instalado na Frígia e na Líbia duas mil famílias judaicas da Babilónia, o que nos permite colocar a hipótese de Colossos ter sido habitada maioritariamente por judeus, uma situação que se terá mantido durante alguns anos. Neste sentido, existem informações de que, em 62 a. C., o distrito de Laodiceia tinha pelo menos onze mil adultos judeus do sexo masculino²⁰.

Todavia, em 60 ou 61 d. C., (anos que se inscrevem na data de redação da carta apontada pelos especialistas) um terramoto abalou e destruiu toda a região²¹. É provável que as restantes cidades da região, incluindo Colossos, também tenham sido destruídas, pois caíram no esquecimento dos literatos.

Estes factos, historicamente comprovados, permitem o desenvolvimento de teses favoráveis à inautenticidade da carta, pois é pouco provável que a mesma tenha sido escrita em época anterior a 60 ou 61. E, para ter sido escrita pelo próprio Paulo, teria de ter sido redigida até 61 ou 62, não sendo, neste último caso, claro o sentido de escrever uma carta para uma comunidade que já não existia. Não obstante, sendo impossível aceder a fontes que garantam ulteriores esclarecimentos, a partir dos elementos presentes na carta, podemos concluir que esta foi dirigida a um público maioritariamente cristão, que havia sido iniciado na fé por Epafras (cf. Cl 1, 7) e que não conhecia pessoalmente Paulo (cf. Cl 2, 1)²².

1.3. Razões e conteúdo da carta

A carta dirigida à comunidade de Colossos tinha como objetivo primeiro «alertar os destinatários contra um erro que os ameaçava e que deviam procurar eliminar. Entre

²⁰ Cf. MURPHY-O'CONNOR, Jerome, *Paulo. Biografia Crítica*, ed. Loyola, São Paulo, 2000, p. 240.

²¹ Cf. *Ibid*, p. 241.

²² Cf. PASTOR, Federico, *o. c.*, p. 101.

estes cristãos havia quem ensinasse uma “filosofia” (cf. Cl 2, 8), que, nas suas concepções e com suas práticas, punha em perigo a autêntica vivência cristã»²³.

Dado que não se conhecem grandes pormenores do conteúdo da “filosofia” referida e contestada na carta, o «mais provável é que se tratasse de um certo sincretismo que incorporava elementos da religião pagã tradicional frígia, dos cultos místéricos contemporâneos existentes na Ásia Menor, do judaísmo e de um gnosticismo inicial»²⁴. O referido erro consistia aparentemente em «dar muita importância a entes intermédios entre Deus e os seres humanos, como anjos e elementos cósmicos, a quem se atribuíam uns poderes misteriosos e que, de algum modo, estavam fora do poder de Cristo»²⁵.

Para desconstruir esta falsa filosofia, contestando os erros da doutrina procedente do sincretismo, o autor recorre a um hino (cf. Cl 1, 15-20), provavelmente recolhido do ambiente litúrgico, onde, a partir da «literatura sapiencial do AT, prova que todo o universo foi criado e estava governado pela sabedoria de Deus desde o princípio (e que) esta mesma sabedoria se havia revelado agora plenamente em Cristo»²⁶.

Assim, o autor esclarece que Jesus Cristo é o primogénito de toda a criatura e que, por esse motivo, tudo Lhe está submetido, sendo ele a cabeça do Corpo que é a Igreja e n’Ele residindo toda a plenitude. Desta forma, contrariamente à “filosofia” que crescia na vida da comunidade de Colossos, nenhuma outra realidade está fora do Seu poder.

Apesar de parecer evidente que a carta resulta da necessidade de esclarecer este ponto, ela não se esgota nele, contendo outros temas de especial relevo. Nesse sentido, os exegetas e estudiosos tendem a destacar, por regra, os tópicos seguintes:

- a) as bases ou fundamentos do Cristianismo;

²³ *Ibid*, pp. 101-102.

²⁴ *Ibid*, p. 102.

²⁵ *Ibid*, p. 102.

²⁶ GRASSI, Joseph A., “Carta a los Colosenses”, in AA.VV. *Comentario Bíblico «San Jerónimo», IV*, ed. Cristiandad, Madrid, 1972, pp. 209.

- b) o ministério apostólico;
- c) a heresia dos Colossenses;
- d) a vida em Cristo;
- e) o código familiar²⁷.

Existem, porém, várias propostas de estruturação destes temas ou tópicos. Uma valorizam as temáticas principais, hierarquizando-as; outras sublinham a divisão ou distinção clássica entre a parte doutrinal e a parte ética. Este último tipo de taxonomia não colhe hoje grandes adeptos, pelo que, para a análise que nos ocupa, adotamos a proposta de Jordi Sanchez Bosch, que passamos a reproduzir em seguida:

I. Introdução Epistolar (1, 1-8)

a) cabeçalho (1, 1-2)

b) Exórdio: elogio aos colossenses (1, 3-8)

II. As bases do Cristianismo (1, 9-23)

III. O ministério apostólico (1, 24 – 2, 3)

IV. A heresia colossense (2, 4-23)

a) Afirmação de Cristo (2, 6-10)

b) Nossa circuncisão (2, 11-15)

c) Refutação do poder angélico (2, 16-19)

d) As práticas materiais (2, 20-23)

V. Exortação geral: A resposta cristã (3, 1-17)

a) A tese (3, 1-3)

b) Exortações negativas (3, 5-11)

c) Exortações positivas (3, 12-17)

²⁷ SÁNCHEZ BOSCH, Jordi, *Escritos Paulinos*, ed. Verbo Divino, Estella, 2009, pp. 389-399.

VI. Exortações particulares: A família cristã (3, 18 – 4, 6)

VII. Final epistolar (4, 7-18)²⁸

Em primeiro lugar, refira-se que pontos I. e VII., correspondentes às saudações inicial e final, são frequentes no epistolário paulino como meios utilizados para vincar a autenticidade da carta (cf. 1, 1 : «Paulo, Apóstolo de Cristo Jesus por vontade de Deus, e o irmão Timóteo»), e como forma de se tornar próximo do destinatário, não só com palavras afetuosas (cf. 1, 2: «aos irmãos em Cristo, santos e fiéis, que vivem em Colossos»), mas também rezando com e por eles (cf. 1, 3: «Damos graças a Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, nas orações que continuamente fazemos por vós»). Estes pontos contêm ainda referências ao espaço e ao tempo da escrita, bem como às pessoas que acompanham o autor.

Os vv. 9-14 correspondem ao ponto II, onde estão inscritos elementos transitórios que introduzem o hino presente nos vv. 15-20. Este hino cristológico, e possivelmente de cariz litúrgico, é anterior à escrita da Carta e «contém elementos já assumidos por Paulo mais alguns novos, pelo menos quanto à forma, (pois) tem uma perspectiva muito mais abertamente cósmica»²⁹.

Por sua vez, os vv. 21-23 correspondem a um comentário do autor ao próprio hino, onde ele afirma que «a reconciliação é “por meio da morte” (v. 22b), mas “no corpo de sua carne”. Salienta-se que esta frase une a ideia da “encarnação” do Filho com a nossa “incorporação” ao seu mistério, numa reconciliação que nos obriga a “apresentar-nos” a Ele (v. 22c) e a permanecer bem fundados (v. 23) na fé e na esperança»³⁰.

Para o ponto III., importa salientar que Sanchez Bosch, em linha com outros autores, considera o excerto 1, 24 – 2, 3 uma nova secção literária. Independentemente da

²⁸ Cf. *Ibid*, pp. 399-404.

²⁹ *Ibid*, pp. 400.

³⁰ *Ibid*, pp. 400.

variação dos versículos considerados, este excerto toma claramente o exemplo de vida do Apóstolo Paulo como modelo de apostolado. Já no ponto IV., vv. 4-23, é exhaustivamente abordada a heresia presente na comunidade de Colossos, que, por influência de doutores judeo-pagãos, afirmava o domínio de alguns seres angélicos dos assuntos humanos e inclusive de toda a criação. A par desta afirmação, existia a observância de certos preceitos judaicos³¹.

Em contraposição e resposta, no ponto V. apresenta-se as linhas de correta vida cristã, nomeadamente mediante a exortação «já que fostes ressuscitados com Cristo, procurai as coisas do alto» (3, 1). O ponto VI. encerra com um código doméstico, isto é, um conjunto de referências aos diferentes círculos familiares, mediante o qual «as mulheres (v. 18), os filhos (v. 20) e os escravos (vv. 22-25) têm de obedecer à mesma pessoa: (o homem, que) tem de buscar a felicidade dos que lhe foram confiados (vv. 19-21)»³².

Como referimos atrás, a conclusão da carta (4, 7-18) segue a linha paulina, com as conhecidas saudações e longas indicações pessoais.

Centrando novamente a nossa análise no viver *por, com e em* Cristo, verificamos que o excerto 1, 24-28 tem sido alvo de vários estudos bíblicos e teológicos, que encontram neste parágrafo uma «conexão entre a atividade apostólica no contexto eclesial e a comunicação de Cristo a todos os seres humanos»³³.

Em particular, o v. 24 tem causado «perplexidade para gerações de tradutores e comentadores, não só porque as traduções resultam facilmente em traições ao verdadeiro conteúdo do versículo como introduz a ideia de que falta algo aos sofrimentos de Cristo

³¹ GRASSI, Joseph A., *o. c.*, p. 208.

³² SÁNCHEZ BOSCH, Jordi, *o. c.*, pp. 403.

³³ PASTOR, Federico, *o. c.*, p. 116.

e que precisava de ser completado na carne de Paulo»³⁴. De facto, este versículo manifesta-se de tal forma complexo que foi evitado pela maioria dos Padres Apostólicos e dos Padres Apologetas³⁵, pelo que, de seguida, apresentá-lo-emos no seu contexto (1.4.1.), análise gramatical (1.4.2.) e comentário exegético (1.4.3).

1.4. Cl 1, 24

No texto original grego o v. 24 é parte de uma frase que se estende até ao v. 28. Optámos por estudar apenas o v. 24, por nele se encontrarem vários elementos significativos para a compreensão da frase no seu conjunto.

Os elementos característicos do estilo paulino estão neste versículo como noutros textos de sua autoria, a saber³⁶:

1Cor 4, 9-13	« ⁹ De facto, parece-me que Deus nos pôs a nós, os apóstolos, no último lugar, como se fôssemos condenados à morte, porque nos tornámos espectáculo para o mundo, para os anjos e para os homens. ¹⁰ Nós somos loucos por causa de Cristo, e vós, sábios em Cristo! Nós somos fracos, e vós, fortes! Vós, honrados, e nós, desprezados! ¹¹ Até este momento, sofremos fome, sede e nudez, somos esbofeteados, andamos errantes, ¹² e cansamo-nos a trabalhar com as nossas próprias mãos. Amaldiçoados, abençoamos; perseguidos, aguentamos; ¹³ caluniados, consolamos! Tornámo-nos, até ao presente, como o lixo do mundo e a escória do universo».
Gl 6, 17b	«eu levo no meu corpo as marcas de Jesus».
Ef. 3, 13	« ¹³ Por isso, peço-vos que não desanimeis com as tribulações que sofro por vós; elas são a vossa glória».
2Tm 2, 10	« ¹⁰ Por isso, tudo suporto pelos eleitos, para que também eles alcancem a salvação em Cristo Jesus e a glória eterna».

³⁴ DUNN, James D. G., *o. c.*, pp. 550-551.

³⁵ Cf. SCHWEIZER, Eduard, *La Carta a los Colosenses*, ed. Sígueme, Salamanca, 1987, p. 93, nota 219.

³⁶ *Bíblia Sagrada*, ed. Difusora Bíblica, 5ª edição, Lisboa/Fátima, 2009.

1.4.1. Enquadramento

Como vimos em 1.3., antecede este excerto o hino litúrgico (vv. 15-20) e a respetiva conclusão exortativa (vv. 21-23), que apelam à permanência sólida e firme na fé e ao não afastamento da esperança do Evangelho. A terminar o v. 23, Paulo lembra que ele próprio se tornou servidor do Evangelho. Neste sentido, a referência «foi dele que eu, Paulo, me tornei servidor» torna-se de grande importância, na medida em que reafirma aquele que se deseja apresentar como autor da carta, além de resumir alguns dos temas presentes nos vv. 24-28, de que apresentamos em seguida o original grego e, paralelamente, a respetiva tradução, proposta pela Difusora Bíblica na edição de 2009:

Texto Grego³⁷:

²¹Καὶ ὑμᾶς ποτε ὄντας ἀπηλλοτριωμένους καὶ ἐχθροὺς τῆ διανοίᾳ ἐν τοῖς ἔργοις τοῖς πονηροῖς, ²²νυνὶ δὲ ἀποκατηλλάγητε ἐν τῷ σώματι τῆς σαρκὸς αὐτοῦ διὰ τοῦ θανάτου, παραστῆσαι ὑμᾶς ἁγίους καὶ ἀμόμους καὶ ἀνεγκλήτους κατενώπιον αὐτοῦ, ²³εἶ γε ἐπιμένετε τῇ πίστει τεθεμελιωμένοι καὶ ἐδραῖοι καὶ μὴ μετακινούμενοι ἀπὸ τῆς ἐλπίδος τοῦ εὐαγγελίου οὗ ἠκούσατε, τοῦ κηρυχθέντος ἐν πάσῃ κτίσει τῇ ὑπὸ τὸν οὐρανόν, οὗ ἐγενόμην ἐγὼ Παῦλος διάκονος. ²⁴Νῦν χαίρω ἐν τοῖς παθήμασιν ὑπὲρ ὑμῶν, καὶ ἀνταναπληρῶ τὰ ὑστερήματα τῶν θλίψεων τοῦ Χριστοῦ ἐν τῇ σαρκί μου ὑπὲρ τοῦ σώματος αὐτοῦ, ὃ ἐστὶν ἡ ἐκκλησία, ²⁵ἧς ἐγενόμην ἐγὼ διάκονος κατὰ τὴν οἰκονομίαν τοῦ θεοῦ τὴν δοθεῖσάν μοι εἰς ὑμᾶς πληρῶσαι τὸν λόγον τοῦ θεοῦ, ²⁶τὸ μυστήριον τὸ

Bíblia Sagrada³⁸:

²¹Também a vós, que outrora andáveis afastados e éreis inimigos, com sentimentos expressos em acções perversas, ²²agora Cristo reconciliou-vos no seu corpo carnal, pela sua morte, para vos apresentar santos, imaculados e irrepreensíveis diante dele, ²³desde que permaneçais sólidos e firmes na fé, sem vos deixardes afastar da esperança do Evangelho que ouvistes; ele foi anunciado a toda a criatura que há debaixo do céu e foi dele que eu, Paulo, me tornei servidor.

²⁴Agora, alegre-me nos sofrimentos que suporto por vós e completo na minha carne o que falta às tribulações de Cristo, pelo seu Corpo, que é a Igreja. ²⁵Foi dela que eu me tornei servidor, segundo a missão que Deus me confiou para vosso benefício: levar à

³⁷ NESTLE, E. e ALAND, K., *Novum Testamentum Graece*, ed. Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, 1993, p. 525.

³⁸ *Bíblia Sagrada*, ed. Difusora Bíblica.

ἀποκεκρυμμένον ἀπὸ τῶν αἰώνων καὶ ἀπὸ τῶν γενεῶν. νῦν δὲ ἐφανερώθη τοῖς ἁγίοις αὐτοῦ, ²⁷οἷς ἠθέλησεν ὁ θεὸς γνωρίσαι τί τὸ πλοῦτος τῆς δόξης τοῦ μυστηρίου τούτου ἐν τοῖς ἔθνεσιν, ὃ ἐστὶν Χριστὸς ἐν ὑμῖν, ἡ ἐλπίς τῆς δόξης· ²⁸ὃν ἡμεῖς καταγγέλλομεν νουθετοῦντες πάντα ἄνθρωπον καὶ διδάσκοντες πάντα ἄνθρωπον ἐν πάσῃ σοφίᾳ, ἵνα παραστήσωμεν πάντα ἄνθρωπον τέλειον ἐν Χριστῷ·

plena realização a Palavra de Deus, ²⁶o mistério escondido ao longo das gerações e que agora Deus manifestou aos seus santos. ²⁷Deus quis dar-lhes a conhecer a imensa riqueza da glória deste mistério entre os gentios: Cristo entre vós, a esperança da glória! ²⁸É a Ele que anunciamos, admoestando e ensinando todos e cada homem com toda a sabedoria, para apresentar a Deus todos os homens na sua perfeição em Cristo.

Como atrás referimos, Cl 1, 24 constituiu um foco de perplexidade para inúmeros tradutores e comentadores³⁹ ao longo do tempo, dando azo a interpretações variadas. Por esse motivo, apresentamos, em tabela, o texto original em grego, a tradução da Vulgata e algumas das mais recentes traduções em português, bem como as respectivas notas de rodapé.

Grego	Nῦν χαίρω ἐν τοῖς παθήμασιν ὑπὲρ ὑμῶν, καὶ ἀνταναπληρῶ τὰ ὑστερήματα τῶν θλίψεων τοῦ Χριστοῦ ἐν τῇ σαρκί μου ὑπὲρ τοῦ σώματος αὐτοῦ, ὃ ἐστὶν ἡ ἐκκλησία ⁴⁰ .
Vulgata	Qui nunc gaudeo in passionibus pro vobis, et adimpleo ea quæ desunt passionem Christi, in carne mea pro corpore ejus, quod est Ecclesia.
Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica	Agora, alegro-me nos sofrimentos que suporto por vós e completo na minha carne o que falta às tribulações de Cristo, pelo seu Corpo, que é a Igreja ⁴¹ .

³⁹ Cf. DUNN, James D. G., *o. c.*, pp. 550-551.

⁴⁰ NESTLE, E. e ALAND, K., *Novum Testamentum Graece*, ed. Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, 1993, p. 525.

⁴¹ *Bíblia Sagrada*, ed. Difusora Bíblica, 5ª edição, Lisboa/Fátima 2009: Nota Cl 1, 24: «Completo... o que falta. Paulo sofre, mas, em vez de se deixar entristecer ou abater pelos sofrimentos, põe a sua alegria em Cristo, que vive nele, e dedica-se totalmente à Igreja de Cristo. A união pessoal de Paulo com Cristo é personificada em cada um dos cristãos. *Carne*, isto é, em todo o ser do Apóstolo. (Mt 16, 17 nota; Act 9, 16; Rm 6, 6 nota; 1Cor 15, 50 nota; 2Cor 4, 8-12 nota; 10-12; 11,23 nota; Gl 1, 16 nota; 5, 16-17; Ef 3, 1.13; 1Ts 4, 4 nota; 2Tm 2, 10)».

A Bíblia, TEB	Agora encontro a minha alegria nos sofrimentos que suportro por vós; e o que falta às tribulações de Cristo, eu completo em minha carne em favor do seu corpo que é a Igreja ⁴² .
Bíblia Pastoral	Agora eu alegro-me de sofrer por vós, pois vou completando na minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo, a favor do Seu corpo, que é a Igreja ⁴³ .
Bíblia Sagrada, ed. Vozes	Agora me alegro com os sofrimentos suportados por vós. Em minha carne supro pela Igreja, seu corpo, o que falta às tribulações de Cristo ⁴⁴ .
Bíblia de Jerusalém	Agora eu me regozijo nos meus sofrimentos por vós, e completo, na minha carne, o que falta das tribulações de Cristo pelo seu corpo, que é a Igreja ⁴⁵ .
Bíblia Sagrada, ed. Paulinas	Eu que agora me alegro nos sofrimentos por vós, e que completo na minha carne o que falta ao sofrimento de Cristo pelo seu corpo (místico), que é a Igreja ⁴⁶ .

Uma leitura atenta da tabela permite verificar que, para a mesma frase são adotadas traduções diferentes, como ocorre em quase todas as obras, pois a linguagem e as opções de tradução variam conforme o público-alvo, a cultura e o tempo. No entanto, todas as traduções apresentadas são unânimes no esforço por manter o sentido do original da frase, o que nem sempre se revela tarefa fácil. Neste caso específico, várias traduções se prestam a interpretações duplas, traindo, a maior parte das vezes, o sentido original.

⁴² *A Bíblia, TEB*, ed. Loyola e Paulinas, São Paulo, Brasil, 1995.

⁴³ *Bíblia Pastoral*, ed. Paulinas, Lisboa, 1993: Nota Cl 1, 24-29: «Paulo alegra-se porque o seu sofrimento confirma que ele anuncia o verdadeiro Evangelho (cf. Mc 13, 5-10). O cerne da missão do Apóstolo é o mistério do projecto de Deus: Deus quer que também os pagãos participem na redenção realizada através de Cristo. A conversão dos Colossenses, que antes eram pagãos, manifesta visivelmente esse projecto de Deus».

⁴⁴ *Bíblia Sagrada*, ed. Vozes, Petrópolis, 1982: Nota Cl 1, 24 – 2, 5: «Como ministro da Igreja, Paulo sofre por ela as tribulações de Cristo, em quem está a esperança da glória futura (24-29). Nesta missão, sente-se também responsável pelas comunidades que não o conhecem, como as de Colossos e Laodiceia (2, 1-5). Os sofrimentos do cristão, quando unido ao de Cristo, como o de Paulo, revertem em benefício da Igreja».

⁴⁵ *Bíblia de Jerusalém*, ed. Paulinas, São Paulo, 1980: Nota Cl 1, 24: «Jesus sofreu para estabelecer o reino de Deus e todos os que continuam a sua obra devem partilhar os seus sofrimentos. Certamente, Paulo nada pretende ajuntar ao valor propriamente redentivo da cruz, à qual nada poderia faltar: mas ele se associa às “tribulações” de Jesus, isto é, às suas adversidades apostólicas (cf. 2Cor 1, 5; Fl 1, 20). Essas tribulações da era messiânica (Mt 24, 8; Act 14, 22; 1Tm 4, 1) comportam uma medida prevista pelo desígnio divino, que Paulo, como apóstolo dos gentios, se sente particularmente chamado a satisfazer».

⁴⁶ *Bíblia Sagrada. Traduzida da Vulgata e anotada pelo Pe. Matos Soares*, ed. Paulinas, São Paulo, 1963: Nota Cl 1, 24: «O que falta... à paixão de Jesus é dum mérito infinito, e por isso completo, nada lhe podendo acrescentar os sofrimentos dos homens. S. Paulo, pois, não quer significar que falte a Jesus sofrer alguma coisa no seu corpo físico, mas sim no seu corpo místico, a Igreja, de que nós somos membros».

Como veremos posteriormente as traduções adotadas ao longo dos séculos permitiram o desenvolvimento de linhas teológicas e espirituais problemáticas e complexas.

1.4.2. Análise Gramatical

Na análise gramatical que se segue, manteremos a ordem das palavras conforme estão no texto grego, embora utilizemos a tradução portuguesa indicada pela Difusora Bíblica 2009.

Se, como já referimos, o v. 24 representa apenas uma parte da frase que se estende até ao v. 28, o mesmo v. 24 é composto também por três orações diferentes, a saber:

«Νῦν χαίρω ἐν τοῖς παθήμασιν ὑπὲρ ὑμῶν» – “Agora, alegro-me nos sofrimentos que suporto por vós”,

«καὶ ἀνταναπληρῶ τὰ ὑστερήματα τῶν θλίψεων τοῦ Χριστοῦ ἐν τῇ σαρκί μου» – “e completo na minha carne o que falta às tribulações de Cristo”

«ὑπὲρ τοῦ σώματος αὐτοῦ, ὃ ἐστὶν ἡ ἐκκλησία» – “pelo seu Corpo, que é a Igreja”.

Abordaremos, em seguida, cada uma destas orações separadamente para facilitar o presente estudo. No entanto, não podemos esquecer que a excessiva divisão das orações constitui precisamente um fator obstáculo à uniformidade das traduções.

O versículo começa com a palavra νῦν, muito frequente no Novo Testamento. Sobre diferentes categorias gramaticais, podendo ser advérbio, substantivo ou adjetivo. Nos escritos paulinos autênticos, νῦν pode designar a situação escatológica que havia começado “já agora” por meio de Cristo (Rm 3, 26; 5, 9.11; 8, 1; 11, 5.30.31; 2Cor 6, 2; Gl 4, 29)⁴⁷, mas também pode referir-se apenas à situação (temporal, concreta) do Apóstolo, no caso de cativo e perseguição que poderiam neste caso impossibilitar a visita à comunidade de Colossos (tal como ocorre em Fl 1, 20.30; 2, 12; 3, 18).

⁴⁷ Cf. RADL, W., “νῦν”, *DENT II*, pp. 443-446.

Assim sendo, no âmbito da discussão sobre a autoria desta carta e para os defensores da autenticidade, o termo $\nu\acute{\nu}\nu$ corresponderá à indicação do tempo imediato em que Paulo escreve (à semelhança do que ocorre na Carta aos Filipenses); para os partidários da inautenticidade, o mencionado advérbio refere-se à escatologia presente (como é evidente na Carta aos Romanos). Em qualquer dos casos, a tradução “agora” acomoda ambas, ao beneficiar a dupla interpretação.

O verbo $\chi\alpha\acute{\iota}\rho\omega$, que se encontra na primeira pessoa do singular, associa-se ao sujeito do v. 23b – «eu, Paulo» – personalizando o conteúdo da frase. No NT, $\chi\alpha\acute{\iota}\rho\omega$ surge 74 vezes, ora com o sentido de saudação, ora como verbo em narrativas e ainda com o sentido de exortar à alegria perante a tristeza.

Intimamente relacionado com a tristeza e os sofrimentos, o termo $\chi\alpha\acute{\iota}\rho\omega$ surgia já nos textos judaicos apocalípticos precisamente como referência à alegria, por ser possível vivenciar os sofrimentos que antecedem a glória futura⁴⁸. Igualmente utilizado com profusão em Lucas e João, $\chi\alpha\acute{\iota}\rho\omega$ indica em Paulo o tempo presente que, em concordância com o advérbio temporal anterior, se pode traduzir por “regozijo-me” ou “alegro-me”, relacionado com $\acute{\epsilon}\nu$ τοῖς παθήμασιν. Neste caso, a preposição e o artigo $\acute{\epsilon}\nu$ ⁴⁹ τοῖς apontam para o sentido instrumental do substantivo πάθημα⁵⁰ – que cobre os significados de “sofrimentos”, “aflições”, “afetações”, “enfermidade”, “desgraça” e “acontecimento” –, ou seja, os chamados sofrimentos são uma “ocasião”⁵¹ da alegria do Apóstolo⁵².

⁴⁸ Cf. BERGER, K., “ $\chi\alpha\acute{\iota}\rho\omega$ ”, *DENT II*, pp. 2033-2037.

⁴⁹ Cf. ELLIGER, W., “ $\acute{\epsilon}\nu$ ”, *DENT I*, pp. 1369-1373.

⁵⁰ Cf. KREMER, J., “πάθημα, ατος, τό”, *DENT II*, pp. 669-672.

⁵¹ É relevante compreender que os sofrimentos do Apóstolo, tal como os de Cristo e os de qualquer cristão não são procurados nem provocados por eles próprios, mas são consequência da sua ação evangelizadora. Utilizo o termo *ocasião* para tornar claro que os sofrimentos não são um instrumento desejado e provocado pelo Apóstolo, mas oportunidade e momento de alegria.

⁵² Cf. GÄRTNER, B., “Sufrimiento”, *DTNT*, 1994, pp. 236-245.

Mas o termo não é exclusivo desta situação, pois noutras a expressão τὰ παθήματα designa o mesmo que θλίψεις, ou seja, as «tribulações a que os cristãos, especialmente os apóstolos, estão expostos no mundo»⁵³, conforme 2Cor 1, 6s; 2Tm 3, 11; 1Pe 5, 9; Heb 10, 33s. Porém, em Rm 8, 18, Paulo, utilizando o plural, designativo dos sofrimentos dos cristãos em geral e em estreita relação com o fim dos tempos, expressa os sofrimentos experimentados em comunhão com Cristo, condição prévia para a participação na Sua glória⁵⁴.

A terminar a oração surge ὑπὲρ⁵⁵ ὑμῶν (“em favor de vós”, “por vós”), uma referência algo obscura relativamente ao ὑμῶν “de vós”, que pode referir-se em sentido estrito aos cristãos de Colossos, ou em sentido lato a todos os cristãos em geral.

Por conseguinte, inevitavelmente surge a questão: “Que provocará, da parte dos cristãos de Colossos, sofrimentos em Paulo?”, “Estarão eles a ‘trair’ Paulo de algum modo?” ou “Sofrerá Paulo algum tipo de perseguição por ter introduzido à fé os Colossenses?”. Não estão documentadas quaisquer evidências de sofrimentos que lhe tenham sido causados diretamente em consequência da pregação nesta comunidade, mas apenas um conjunto de perseguições e prisões resultantes da ação apostólica de Paulo noutras regiões.

Assim, a referência ὑπὲρ ὑμῶν indicará todos os cristãos, refletindo a conversão de muitos, nos muitos locais em que se intensificaram as controvérsias e perseguições ao Apóstolo. E, neste sentido, pode associar-se com a narração da Última Ceia onde o “por vós” é usado por Jesus (Mt 26, 28; Mc 14, 24; Lc 22, 19-20) com o sentido de “em vosso favor”.

A segunda oração do v. 24 começa com a partícula conjuntiva καὶ (“e”) e com a palavra ἀντανακληρῶ, termo que não se repete em toda a Sagrada Escritura. Tal como

⁵³ KREMER, J., “πάθημα, ατος, τό”, *DENT II*, p. 671.

⁵⁴ *Ibid*, p. 671.

⁵⁵ Cf. PATSCH, H., “ὑπὲρ”, *DENT II*, pp. 1870-1874.

surge, seria traduzível por “completar (vicariamente)”⁵⁶. Contudo, ἀνταναπληρῶ, palavra composta pela preposição ἀντί (ἀντ), a que acresce o advérbio ανα em posição prefixal e o verbo πληρῶ, é traduzido por “completo”, “contrabalanço”, independentemente da posição prefixal da preposição e do advérbio. Desta forma, acaba por apenas enfatizar o conteúdo do verbo. Por conseguinte, optámos por traduzir a forma verbal simplesmente por “completo”.

O substantivo τὰ ὑστερήματα, traduzido por “carências”, “faltas de” ou “pobrezas” realça a ideia da necessidade de completar τῶν θλίψεων τοῦ Χριστοῦ⁵⁷ ἐν τῇ σαρκί μου (“das tribulações de Cristo na minha carne”). Esta unidade não pode ser tratada separadamente nem se deve inverter a ordem das palavras do original grego, devido ao risco da tradução contradizer o verdadeiro conteúdo ou permitir interpretações erróneas.

O substantivo θλίψις, εως, (ή), (derivado de θλίβω, que significa “afligir” e “atormentar” – com neste sentido apenas em Mc 3, 9 e Mt 7, 14), assume no caso de Cl 1, 24 o sentido de: “perseguições”, “tribulações”, “angústias”, “pressões” ou “aflições”. Note-se que, no AT (versão dos LXX), o mesmo substantivo surge com frequência, nomeadamente na literatura apocalíptica (Ex 3, 9; 4, 31; 1Mac 9, 27; Dn 121 – «Será este um período de angustia tal, que não terá havido outro semelhante»; Hab 3, 16; Sf 1, 5; Sl 33, 30; 36, 39), por designar especificamente as tribulações e angústias que perturbavam o povo ameaçado.

Por sua vez, no NT, em particular nos escritos paulinos, θλίψις surge em várias frentes: ora designando tribulações dos pobres, viúvas e órfãos (cf. 2Cor 8, 13; 1Tm 5, 10), ora em sentido apocalíptico (1Ts 3, 3b), seja por referência às perseguições que os apóstolos e os seguidores de Cristo sofriam, seja relativamente aos próprios padecimentos de Cristo.

⁵⁶ HÜBNER, H., “πληρῶ”, *DENT II*, p. 993. A adjetivação “vicariamente” não pretende dizer que o que Paulo completa é em substituição de alguém, mas que, devido à presença da preposição ἀντί, se salienta a dimensão oblativa dos seus sofrimentos.

⁵⁷ Cf. HAHN, F., “Χριστός, οὔ, (ὅ)”, *DENT II*, pp. 2118-2142.

E aparece ainda em sentido escatológico, expressando todas as tribulações do tempo presente (ou as que resultam da ação apostólica). Porque se assemelham às tribulações de Jesus Cristo⁵⁸, Paulo decide vivê-las em comunhão com Cristo e por amor a Cristo, para que dessa forma se manifeste a vida por ele comunicada aos gentios.

Ainda relativamente à expressão τῶν θλίψεων τοῦ Χριστοῦ, alguns autores, como J. Kremer, questionam se τοῦ Χριστοῦ se refere exclusivamente à pessoa de Jesus Cristo, pois esta formulação permite colocar em hipótese uma possível alusão à Igreja, enquanto *entidade corporativa*⁵⁹.

Para Paulo, contudo, as tribulações de Cristo – o Mistério Pascal completo e pleno ao qual nada falta – são vividas na sua própria carne – por forma a tornar-se também ele mais idêntico (configurado) a Cristo –, conforme a indicação final presente na segunda oração ἐν τῇ σαρκί μου. Refira-se que neste contexto σαρκί, (do substantivo σάρξ, σαρκός, ἡ) significa claramente “a carne”, isto é, a totalidade da sua pessoa (ou seja, as tribulações são físicas, para além de serem também tormentos espirituais ou interiores), apesar de noutros momentos, o termo apresentar significados vários, como acontece em 1Cor 15, 39, onde remete para todos os seres vivos, ou em Gl 4, 23-29; Rm 9, 3; 11, 14, em que assume um sentido genealógico e significa a pertença a um povo por geração e nascimento⁶⁰.

O v. 24 termina com um importante esclarecimento: Paulo enquadra todos os seus sofrimentos ὑπὲρ τοῦ σώματος⁶¹ αὐτοῦ ὃ ἐστὶν ἡ ἐκκλησία⁶², manifestamente “em favor do Seu Corpo, que é a Igreja”. A utilização do substantivo σῶμα distingue, de facto, a realidade corpórea (σάρξ) de Paulo da realidade eclesial, que também é corpo (σῶμα), mas de outro modo. É imputada à linguagem paulina a analogia entre o corpo carnal de Jesus

⁵⁸ Cf. KREMER, J., “θλίψεις, εως, ἡ”, *DENT I*, pp. 1887-1892.

⁵⁹ Cf. *Ibid*, p. 1891.

⁶⁰ Cf. SAND, A., “σάρξ, σαρκός, ἡ”, *DENT II*, pp. 1363-1373.

⁶¹ Cf. SCHWEIZER, E., “σῶμα, ατος, τό”, *DENT II*, pp. 1641-1652.

⁶² Cf. ROLOFF, J., “ἐκκλησία, ας, ἡ”, *DENT I*, pp. 1250-1267.

Cristo e a realidade da Igreja local e universal, à qual a Bíblia Sagrada Traduzida da Vulgata e anotada, num esforço de concretização, acrescenta «pelo seu corpo (*místico*), que é a Igreja». Para Paulo, a Igreja é efetivamente o “Corpo (Místico) de Cristo”, do qual Ele é a cabeça.

No contexto da Carta dos Colossenses, o termo ἐκκλησία é usado nas referências às comunidades locais, nomeadamente a “igreja de Laodiceia”, conforme pode ler-se em Cl 4, 16, mas também é utilizado relativamente às comunidades dos seguidores de Cristo que, nos diferentes pontos do mundo, estão unidas a Cristo pela Igreja, Seu corpo visível.

Dado que as traduções portuguesas se apresentam tão díspares, apresentamos uma proposta de tradução seguindo as indicações da exegese, onde se respeita o conteúdo do versículo. Assim, a partir da análise de Jean-Noël Aletti, sugerimos a seguinte tradução: «*Agora, alegre-me nos sofrimentos que suporto por vós e completo o que falta das tribulações de Cristo à minha carne pelo Seu Corpo, que é a Igreja*»⁶³.

De facto, o autor afirma que é nefasto manter uma tradução confusa que veicula a ideia de que Paulo deveria completar as tribulações que Cristo sofreu. Uma tal interpretação sugeriria erradamente que o Mistério Pascal e a salvação universal operada por Cristo não estava completa, ou, alternativamente, que existe uma quota de sofrimentos necessários para que cada cristão possa viver em Cristo.

Saliente-se, nesta proposta, a ausência fundamental de vírgulas a separar as diferentes orações e a manutenção deliberada da ordem das palavras conforme o original grego.

⁶³ Segundo a análise exegética de J. N. Aletti, «Maintenant je trouve ma joie dans mes souffrances pour vous, et je complète ce qui manque aux tribulations du Christ en ma chair pour son corps, qui est l’Eglise», consultada na tradução francesa ALETTI, Jean-Noël, *Saint Paul épître aux Colossiens*, ed. J. Gabalda Et C^{ie}, Paris, 1993, pp. 134-135 e segundo o exposto na tradução italiana ALETTI, Jean-Noël, *Lettera ai Colossesi*, ed. Dehoniane Bologna, Bologna, 1994, pp. 117-122.

1.4.3. Comentário Exegético

Assim, no comentário exegético, para garantir a necessária clareza no tratamento exegético do v. 24, optámos por dividir o seu conteúdo em quatro temas: “Das tribulações de Cristo”, “Completo o que falta à minha carne”, “Sofrimentos de Paulo” e “Pela Igreja, Corpo de Cristo”, que desenvolveremos de seguida:

a) “Das tribulações de Cristo”

A expressão “das tribulações de Cristo” (τῶν θλίψεων τοῦ Χριστοῦ) concentra grande dificuldade exegética, pois, existem dúvidas se «o genitivo “de Cristo” deve ser entendido como subjetivo (as tribulações que sofreu o próprio Cristo), como objetivo (as tribulações que Cristo provocaria a Si), (ou) como qualificativo (as tribulações que são do “tipo” ou “forma” das que sofreu Cristo)»⁶⁴.

Efetivamente, como já referimos anteriormente, é pouco provável que o autor, com as palavras τῶν θλίψεων τοῦ Χριστοῦ, se quisesse referir subjetivamente aos sofrimentos de Jesus Cristo, pois, para tal, seria de esperar uma ordem inversa nas palavras: «nas minhas tribulações completo os sofrimentos de Cristo que, todavia, falta»⁶⁵.

Optamos, pois, por um genitivo subjetivo, na medida em que se refere às tribulações sofridas por Cristo (seja a personalidade individual ou “personalidade corporativa”⁶⁶, como veremos mais à frente), mas também, em certa medida, qualificativo, porque as tribulações são do género das que Cristo sofreu.

Uma vez que a palavra θλίψις não se refere apenas a aspetos negativos, devemos analisar Cl 1, 24 num sentido mais abrangente. Assim, este termo definirá, por metonímia, a parte no lugar do todo. O mesmo é dizer que as tribulações e a imagem da Cruz são apenas

⁶⁴ MURPHY-O’CONNOR, Jerome, *o. c.*, p. 245.

⁶⁵ SCHWEIZER, Eduard, *La Carta a los Colosenses*, ed. Sígueme, Salamanca, 1987, p. 95.

⁶⁶ Cf. KREMER, J., “θλίψις, εως, ἡ”, *DENT I*, pp. 1891.

uma parte de toda a vida de Jesus Cristo, não obstante haver sido precisamente nas tribulações da paixão e morte que Jesus viveu e realizou a plenitude da sua vida e missão. Contudo, dificilmente θλίψις aludirá especificamente «à morte de Cristo, dado que nunca nas proto-paulinas e nas deutero-paulinas esta palavra designa os sofrimentos redentores de Cristo»⁶⁷. Em todo o caso, devemos ter presente que o termo engloba todo o Mistério Pascal, a vida de Jesus Cristo, em toda a sua extensão, e que atinge o seu expoente máximo no calvário e no sepulcro vazio.

Assim, temos de considerar a expressão tendo por base mais do que a Cruz – apesar de esta ser, inegavelmente, a imagem sublime de toda a Sua Vida – pois, torna-se necessário olhar para tudo o que a Cruz significa, de forma a evitar simplificações perigosas como, por exemplo, procurar os sofrimentos como objetivo e protótipo da “configuração” a Cristo.

Note-se, porém, que os sofrimentos de Cristo, na Sua vida e em particular na Paixão, não estavam pré-estabelecidos no plano salvífico de Deus, nem estes eram obrigatórios para se realizar completamente a salvação. Todas as tribulações da vida de Jesus Cristo, incluindo as ocorridas na Paixão, foram apenas a consequência do confronto com aqueles que rejeitaram a Sua mensagem. Jesus, perante os conflitos e também a condenação à morte, optou por aceitar livremente estes sofrimentos, uma vez que a fidelidade a Deus era superior a tudo o que poderia sofrer.

Recorde-se ainda que foi precisamente a partir da imagem da Cruz que a teoria da expiação e da satisfação foi desenvolvida e que, segundo alguns especialistas, acabou por desfigurar a imagem cristã de Deus, pois para eles «a cruz não é “o preço” em forma de dor

⁶⁷ ALETTI, Jean-Noël, *Eclesiología de las cartas de San Pablo*, ed. Verbo Divino, Estella (Navarra), 2012, p. 125.

e sofrimento inauditos»⁶⁸, mas «“a quantia” divina do Amor»⁶⁹ que Deus tem pelo ser humano na ordem da encarnação. Segundo os mesmos estudiosos, «o que realmente nos salva é a vida de Jesus e esta não pode reduzir-se só a um desenvolvido prólogo da crucifixão»⁷⁰.

Assim sendo, o que está em causa é a forma como vemos Jesus Cristo: “cordeiro” ou “dom” de Deus? Efetivamente, as duas imagens não se contrapõem, mas a valorização de uma em detrimento da outra conduz inevitável e perigosamente a respostas erróneas à famosa pergunta *cur Deus homo?*⁷¹, que dividiu linhas históricas de pensamento.

Tendo presente, antes de mais, que Paulo era de origem judaica e que foi consagrado pela história como o primeiro “teólogo” cristão, verificamos no âmbito da teologia paulina a compreensão de Cristo na dinâmica da redenção e reconciliação⁷². Paulo não foi um teólogo sistemático nem tinha outro meio de compreensão teológica senão a linguagem e tradições judaica e helénica.

Porém, os teólogos que se lhe seguiram não conseguiram afastar-se desta linguagem de cariz expiatório, enfatizando-a sucessivamente⁷³. Na verdade, podemos afirmar que o Cristianismo ficou especialmente marcado pela linguagem sacrificial do “bode expiatório” (Lv 16) em detrimento da imagem do “dom”. Cristo não encarnou para ser sacrificado, mas para ser testemunha do amor do Deus-Amor.

A Carta aos Colossenses utiliza a palavra “mistério” para descrever as realidades que Cristo e agora os cristãos são chamados a revelar e manifestar ao mundo. Nos vv. 26-

⁶⁸ VITORIA, Javier, “El rostro de Dios que se vislumbra en el crucificado”, in *Selecciones de Teología*, 207, (2013), p. 170.

⁶⁹ *Ibid*, p. 170.

⁷⁰ ROBERT, J. Daly, “Imágenes de Dios e imitación de Dios: Problemas en torno a la idea de expiación/santificación”, in *Selecciones de Teología*, 188, (2008) p. 316.

⁷¹ RATZINGER, Joseph, *Introdução ao Cristianismo*, ed. Principia, Cascais, 2006, p. 169.

⁷² Cf. MARTÍNEZ DÍEZ, Felicísimo, *Crer em Jesus Cristo viver como cristão. Cristologia e seguimento*, ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2007, p. 408. O autor afirma que o Novo Testamento não pretende, essencialmente, descrever os factos ocorridos com Jesus, mas apresentar linhas de compreensão do significado da paixão e morte de Jesus. Assim, segundo ele, João entendeu a paixão e morte como a «revelação da glória de Deus», Lucas como o «cumprimento do plano salvífico» e Paulo na linha da «redenção e reconciliação».

⁷³ Cf. ROBERT, J. Daly, *a. c.*, p. 316.

28, é apresentado o «mistério escondido ao longo das gerações» (v. 26), isto é, Cristo é o mistério manifestado por Deus aos apóstolos com a Sua vida e ressurreição. Também é da responsabilidade de Paulo anunciá-l’O a todos e cada homem, inclusive gentios, com toda a sabedoria, ou seja, com todas as suas forças, para apresentar a Deus todos os homens na sua perfeição em Cristo (cf. vv. 27-28).

Desta forma, compreende-se que Cristo é «o ser humano exemplar»⁷⁴ (*Gaudium et Spes* 22) que cada pessoa tem por *modelo*, sendo que a Sua perfeição não ocorreu apenas nos sofrimentos da paixão, como tendencialmente se pensa, mas em toda a Sua vida, que foi a manifestação de amor a Deus, segundo a categoria de “Filho” e “verdadeiro homem”.

b) “Completo o que falta à minha carne”

Paulo encontra uma diferença significativa entre a sua vida e a vida de Jesus Cristo. Enquanto que em Jesus encontra a plenitude do Ser Homem (cf. Fl 2, 7; 1Pe 2, 21-24), em si vê um homem degradado pelo mal (cf. Rm 7, 19-20). Devido a esta assimetria, Paulo deseja chegar a um patamar de santidade superior, idêntico ao de Jesus Cristo.

Neste sentido, acredita que necessita de completar em sua carne o que lhe falta para ser mais idêntico a Cristo. Utiliza expressões como *παθήμα* e *θλίψις* diferenciadamente para referir situações semelhantes, embora distintas quanto à plenitude de realização. Paulo distingue dois tipos de “sofrimentos”, a saber: *παθήμα*, que corresponde aos sofrimentos do Apóstolo e *θλίψις*, relativo às tribulações de Cristo. Esta distinção expressa uma hierarquização, mediante a qual as tribulações de Cristo são superiores aos sofrimentos do Apóstolo. O mesmo é dizer que as tribulações de Cristo estão já plenamente realizadas, enquanto que os sofrimentos que o apóstolo está a padecer não são os últimos e desempenham uma função edificadora.

⁷⁴ RATZINGER, Joseph, *o. c.*, p. 170.

Saliente-se, mais uma vez, que os termos παθήμα e θλίψις, apesar de referirem aspetos negativos (sofrimentos e tribulações), são a parte do todo que é a vida do Apóstolo e de Jesus Cristo.

A afirmação de Paulo ἀνταναπληρῶ τὰ ὑστερήματα τῶν θλίψεων τοῦ Χριστοῦ ἐν τῇ σαρκί μου (“completo o que falta das tribulações de Cristo à minha carne”) encontra no termo ἀνταναπληρῶ (“completo”) o ponto de maior controvérsia. Durante longo tempo, acreditou-se que a expressão afirmava que Paulo completava as tribulações de Cristo (nomeadamente o Mistério Pascal), como se a obra salvífica de Cristo não estivesse plenamente realizada.

Nesta linha, favoreceu-se a ideia de que existia uma quantidade de sofrimentos pelos quais os cristãos tinham de passar para que a Paixão de Cristo ficasse completa. Assim o afirma Agostinho de Hipona, no Comentário sobre os Salmos:

«Portanto, se és membro de Cristo ... tudo quanto sofreres da parte dos que não são membros de Cristo, é parte do que faltava aos sofrimentos de Cristo. Por isso se diz que faltava. Tu vens encher a medida, mas não a fazes transbordar. Tu sofres apenas o que faltava da tua parte à paixão total de Cristo, que sofreu como nossa cabeça e sofre ainda nos seus membros, isto é, em nós próprios»⁷⁵.

João Paulo II, na Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, acrescentou:

«Na medida em que o homem se torna participante nos sofrimentos de Cristo tanto mais ele completa, a seu modo, aquele sofrimento, mediante o qual Cristo operou a Redenção do mundo. Quererá isto dizer, porventura, que a Redenção operada por Cristo não é completa? Não. Isto significa apenas que a Redenção, operada por virtude do amor satisfatório, permanece constantemente aberta a todo o amor que se exprime no sofrimento humano. Nesta dimensão – na dimensão do amor – a Redenção, já realizada totalmente, realiza-se em certo sentido constantemente. Cristo operou a Redenção completa e cabalmente»⁷⁶.

⁷⁵ AGOSTINHO DE HIPONA, *Comentário ao Salmo 61, 4*, in MARTIN PEREZ, Balbino, *Obras de San Agustin*, XX, BAC, Madrid, 1965, pp. 532-533.

⁷⁶ João Paulo II, Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, 24, in *AAS*, 76 (1984), 234.

Assim, nem as tribulações de Cristo, nem a Sua vida têm algo de incompleto, pois Ele é a plenitude da manifestação do amor de Deus e o “modelo” ao qual nos temos de aproximar e configurar. Contudo, o “*Evangelho do Sofrimento*” (expressão utilizada por João Paulo II na *Salvifici Doloris*) «escrevem-no todos aqueles que *sofrem com Cristo*, unindo os próprios sofrimentos humanos ao seu sofrimento salvífico»⁷⁷, o que os cristãos a participar na Redenção.

Neste sentido, resta-nos considerar na expressão algo bem diferente da ideia que as traduções erradas favorecem. O que Paulo tem de completar à sua carne é o Mistério Pascal, ou seja, sendo Cristo o “modelo” para Paulo, como para qualquer cristão, só nos resta “imitá-lo” ou melhor “configurarmo-nos” a Ele.

c) Sofrimentos de Paulo

Os sofrimentos propriamente ditos ganham nesta dinâmica uma referência especial, pois, uma vez que Cristo recebeu como recompensa pelo anúncio do Evangelho castigos e sofrimentos, inclusive a condenação à morte, também todas as fadigas, perseguições, sofrimentos e condenações resultantes do mesmo anúncio são como que uma continuidade das recompensas que o próprio Cristo recebeu e uma forma de credibilidade da sua mensagem⁷⁸.

Por seu turno, Paulo vê os «seus sofrimentos como parte necessária da sua ação apostólica (Rm 8, 35s; 1Cor 4, 9-13; 2Cor 11, 23-33; 12, 9 s; 13, 4; Gl 6, 17)»⁷⁹, na medida em que ele não os procura, enfatiza ou sobrevaloriza, mas aceita-os de forma realista⁸⁰ como consequência do anúncio do Evangelho. Interpreta o seu ministério à luz de Jeremias e Isaías, que ofereciam os seus sofrimentos como sofrimento benéfico em favor do povo.

⁷⁷ *Ibid*, 232.

⁷⁸ Cf. SCHWEIZER, Eduard, *La Carta a los Colosenses*, ed. Sigueme, Salamanca, 1987, p. 96.

⁷⁹ *Ibid*, p. 92.

⁸⁰ PASTOR, Federico, *o. c.*, p. 115.

O anúncio do Evangelho traz para Paulo, como para Cristo, as amarguras da rejeição por parte do poder político e religioso. Recordemos que tal como Cristo foi condenado pelos Sumo Sacerdotes, Doutores da Lei e anciãos do povo (cf. Mt 27, 1; Mc 14, 53; Lc 22, 66; Jo 18, 15), assim também Paulo foi perseguido pelo do seu povo (cf. Act 21). Contudo, os sofrimentos que Paulo refere advêm também das exigências com que se vê confrontado, não só no que toca aos perigos e privações das viagens, mas também com a exigência de conformar a sua vida com a boa-nova que anuncia (cf. Rm 7, 19).

Merece ainda particular relevância destacar o termo “por vós”, como causa e consequência dos sofrimentos. Não sabemos se os sofrimentos foram causados por algum tipo de perseguição ou adversidade resultante da evangelização na comunidade de Colossos, nem sabemos se Paulo de algum modo suportou algum tipo de padecimentos inicialmente destinados aos cristãos desta comunidade, em particular. Independentemente das respostas a estas questões, poderá existir alguma proximidade entre o “por vós” da última ceia de Jesus Cristo⁸¹ e o “por vós” de Paulo, como vimos anteriormente.

Porém, em Rm 8, 18, Paulo, utilizando o plural, designativo dos sofrimentos dos cristãos em geral e em estreita relação com o fim dos tempos, expressa os sofrimentos experimentados em comunhão com Cristo, condição prévia para a participação na Sua glória⁸². Paulo considera que os sofrimentos resultantes da pregação são ocasião para edificação pessoal e comunitária, pois ele é apenas parte de um corpo maior que é a Igreja - o “Corpo de Cristo”.

d) Pela Igreja, Corpo de Cristo

Na Carta aos Colossenses, tal como na Carta aos Efésios, evidencia-se a compreensão da Igreja como uma realidade universal, o conjunto de todas as comunidades de crentes

⁸¹ Cf. ALETTI, Jean-Noël, *Eclesiologia...*, p. 126.

⁸² KREMER, J., “πάθημα, ατος, τό”, *DENT II*, p. 671.

em Jesus Cristo. No hino cristológico da Carta aos Colossenses (1, 15-20) o autor «transforma (uma) visão cosmológica numa visão eclesiológica»⁸³, dando particular ênfase na subsistência de todas as coisas em Cristo, “a cabeça do Corpo, que é a Igreja” (v. 18).

Na obra *Introdução ao Cristianismo*, Joseph Ratzinger associa ao lado aberto de Adão, de onde surgiu a mulher, o lado aberto de Cristo, de onde, pelos sinais do sangue e da água, surgiu a Igreja, «sinal da nova união entre os seres humanos»⁸⁴. Nomeadamente, a partir de Jo 19, 34, relato do momento em que o soldado trespassa Jesus com a lança, Ratzinger desenvolve uma interpretação da antropologia cristã, alicerçada numa abertura de *si* para o *outro* e, em última instância, uma abertura *Àquele* outro, que é Deus⁸⁵. Esta interpretação ajuda a compreender o porquê de o cristão não viver a sua fé fechado em si mesmo, mas numa constante pró-existência.

Efetivamente, é nesta dinâmica de pró-existência que Paulo realiza a missão para que foi chamado por Deus – “levar o meu nome perante os pagãos, os reis e os filhos de Israel” (Act 9, 15). No entanto, tal missão de amor existencial não se realizou sem sofrimento, o que não o impediu de perseverar e enfrentar as dificuldades com entusiasmo, pois todas as dificuldades inerentes à pregação eram tidas por ele como ocasião de *alegria* – «Νῦν χαίρω ἐν τοῖς παθήμασιν ὑπὲρ ὑμῶν» (“Agora, alegro-me nos sofrimentos por vós”) –, dado que eram, como já vimos, momento de aproximação e configuração a Cristo e ainda credibilização da sua ação apostólica.

Uma outra motivação para Paulo suportar os sofrimentos consequentes da pregação está duplamente formulada nos vv. 24-25. No v. 24, lê-se que os sofrimentos que suporta são para benefício da Igreja, Corpo de Cristo, (ὑπὲρ τοῦ σώματος αὐτοῦ, ὃ ἐστὶν ἡ ἐκκλησία) e no v. 25 diz que é sua missão levar à plena realização a Palavra de Deus (μοι

⁸³ GNILKA, Joaquim, *o. c.*, p. 352.

⁸⁴ RATZINGER, Joseph, *o. c.*, p. 176.

⁸⁵ Cf. *Ibid*, pp. 170-177.

εις ὑμᾶς πληρῶσαι τὸν λόγον τοῦ θεοῦ). Esta indicação torna claro que tanto para Paulo como para a Igreja existe um caminho de aproximação ao Mistério Pascal de Cristo. Não se trata de caminhos separados, mas em conjunto, pois é na medida que os cristãos e Paulo – neste caso particular – se configuram com Cristo que a Igreja percorre esse mesmo caminho.

Por consequência, a segunda motivação do Apóstolo enfatiza a alegria que sente, uma vez que o objeto da sua atividade é a eclesiologia juntamente com a cristologia⁸⁶. Assim, na abordagem de Cl 1, 24 temos de compreender que a missão de Paulo só pode ser entendida corretamente dentro do ambiente eclesial e cristológico, isto é, o anúncio de Cristo não se reduz a uma missão pessoal, tanto na motivação como nas consequências.

Uma característica da Carta aos Colossenses prende-se com a forma como Paulo é descrito. Independentemente de a carta estar escrita na primeira pessoa, tendo por hipótese que tenha sido escrita na linha da pseudonímia, encontramos uma idealização da figura do *Apóstolo* (v. 23), o que poderá indicar que Paulo era tido como exemplo para a comunidade e imagem referencial do ser-se cristão (cf. 1Cor 11, 1 «Fazei-vos meus imitadores como eu o sou de Cristo»).

Portanto, a figura de Paulo para a comunidade de Colossos está envolta em santidade e perfeição, o que, à luz de Cl 1, 24 permite vislumbrar a figura de um mártir, isto é, uma testemunha de Cristo.

Será, precisamente, nesta perspetiva que trabalharemos o tema do martírio no capítulo seguinte. Nele consideraremos Cristo como a figura exemplar de mártir e em seguida desenvolveremos a teologia martirial do Cristianismo.

⁸⁶ GRASSI, Joseph A., *a. c.*, p. 216.

2. A Via do Martírio

A realidade martirial não é uma novidade do Cristianismo, mas é nele que este tema adquire maior presença e concretude. Etimologicamente, o termo mártir deriva do grego μάρτυς e significa “testemunha”, sendo da sua família linguística o termo μαρτύριον (testemunho) e μαρτυρεῖν (testemunhar). O vocábulo μάρτυς começou por ser aplicado no âmbito da jurisprudência, no contexto grego extra-bíblico, e passou a ser utilizado para designar a defesa convicta de ideias ou verdades⁸⁷.

Uma importante aceção do termo é dada pelo filósofo Epicteto⁸⁸, ao afirmar a necessidade de se conformar a filosofia que se ensina com o estilo de vida que se exercita, por forma a tornar visível as suas convicções e, assim, a persuadir os ignorantes. Esta atitude, segundo o referido filósofo, poderia ainda ter como consequência extrema o suportar padecimentos ou mesmo a morte.

Desta forma, parece existir uma grande proximidade com a formulação cristã, como veremos adiante, mas esta coincidência é apenas no sentido externo, pois diverge no seu sentido interno: para o filósofo estoico Epicteto, está implícito o sentido iluminista da ação testemunhal, enquanto que segundo o Cristianismo o que suporta o martírio é o sentido profético, herança do Antigo Testamento, nomeadamente de Deutero-Isaías⁸⁹.

Por sua vez, a definição cristã de mártir, apesar de utilizada a partir do ambiente da jurisprudência, tem um sentido mais abrangente. Assim sendo, mártir não é apenas aquele

⁸⁷ Cf. STRATHMANN, H., “μάρτυς”, in *GLNT VI*, pp. 1280-1281.

⁸⁸ Natural de Hierapolis, 55 d.C. – 135 d.C. Em Roma, foi escravo de Epafrodito, secretário de Nero, tendo desenvolvido reflexões em filosofia estoica. Cf. SNODGRASS, Mary Ellen, *Clássicos Romanos*, ed. Europa-América, Mem-Martins, 1993, pp. 287-289

⁸⁹ Cf. STRATHMANN, H., “μάρτυς”, in *GLNT VI*, p. 1299.

que dá testemunho de Cristo por palavras, nem somente aquele que O confessa em atos ou mesmo com risco de sacrifícios próprios, mas é todo aquele que imita⁹⁰ Cristo.

Neste sentido, para compreendermos o que significa ser mártir segundo a compreensão cristã é necessário perceber de que forma Cristo é o modelo de mártir, ou seja, o *arquimártir*.

2.1. Jesus Cristo, o arquimártir

A forma como o Novo Testamento interpreta a morte de Jesus pode ser vista, segundo vários autores, em três linhas, conforme resume Felicísimo Martínez Díez, a saber: «a morte do profeta-mártir; a morte que corresponde ao plano divino da salvação; e a morte expiatória do servo padecente»⁹¹. Estas três linhas enquadram-se em «duas grandes orientações cristológicas do Novo Testamento: a cristologia da preexistência e a cristologia da exaltação»⁹².

Na cristologia da preexistência, ou descendente, estão as interpretações do profeta-mártir e da correspondência ao plano divino da salvação (conforme a tendência dos escritos joaninos e os escritos paulinos tardios, por exemplo: Cl 1, 15-20). Por sua vez, a interpretação segundo a tradição judaica do servo padecente segue a cristologia da exaltação, ou ascendente, (presente nos primeiros capítulos do livro dos Actos dos Apóstolos e na Carta aos Filipenses).

⁹⁰ Segundo René Girard, “seguir a Cristo é renunciar ao desejo mimético” e com isso evitar o crescente de violência inerente ao mecanismo de imitação apenas exterior. Neste sentido, imitar não significa copiar gestos e atitudes unicamente exteriores e superficiais, mas implica um seguimento profundo, que abarca os fundamentos da vida e “indica o mistério da unidade entre os homens e com Deus”. Cf. SCHWAGER, Raymond, “Imitar y seguir”, in *Selecciones de Teologia*, 107, (1988), pp. 173-178.

⁹¹ MARTÍNEZ DÍEZ, Felicísimo, *o. c.*, p. 409.

⁹² *Ibid*, p. 223.

Em especial, a cristologia da exaltação não teve, à exceção da primeira comunidade apostólica, o desenvolvimento desejado ao longo da história da teologia cristã. Tal desenvolvimento, juntamente com o título de servo-sofredor ou Servo de Javé, ganhou impulso apenas no século XX⁹³. Os motivos para tal resistência à aplicação deste título a Jesus Cristo estão na necessidade de afirmação a divindade de Cristo em oposição às heresias, como o adocionismo, que viam o Batismo de Jesus como o momento da investidura messiânica. Porém, esta linha cristológica permite, a partir da interpretação da realidade presente, vislumbrar novos horizontes de configuração a Cristo e o desenvolvimento de novos caminhos na espiritualidade cristã. Pois, tal como Jesus Cristo passou pela humilhação e chegou à exaltação, também todo o ser humano que passa pelo sofrimento e pela fraqueza pode chegar à glória celeste. Permite ainda perceber que Jesus assumiu plenamente a realidade humana.

Segundo a tradição judaica, o Servo caracteriza-se por: ser o Eleito de Deus e n'Ele se deleitar; estar sob a ação do Espírito de Deus e com isso ser assumido como um líder de Israel; e ser o servo padecente, não só pelos sofrimentos em si, como também pela paciência com que os suporta (cf. Is 42-53)⁹⁴.

A imagem do Servo encontra, ainda, pontos de correspondência com a do profeta, em particular pelos sofrimentos e pela morte. Contudo, «o sofrimento, a paixão e a morte são apenas o rosto da renúncia e da solidariedade do amor»⁹⁵. Neste sentido, em Jesus Cristo vemos o Servo, cujo expoente de humilhação é a cruz, e o profeta, que, em toda a Sua vida, foi testemunha fiel do amor do Pai em favor do ser humano. Assim, encontramos em Cristo como base de superação de todos os sofrimentos o amor ao Pai e à humanidade.

⁹³ *Ibid*, p. 224.

⁹⁴ Cf. *Ibid*, p. 226.

⁹⁵ *Ibid*, p. 257.

A interpretação da morte de Cristo como a morte do profeta-mártir tem a sua origem na tradição deuteronomista, em que o assassinio de um profeta significava a rejeição da sua mensagem. No entanto, caso se tratasse de um falso profeta a sua condenação era considerada um castigo exemplar, pois havia-se engrandecido perante os Homens e Deus.

Contudo, se se tratasse efetivamente de um verdadeiro profeta, o seu assassinio manifestava a resistência do povo a Deus e à conversão proclamada pelo eleito divino.

Especialmente antes do exílio da Babilónia, a pregação dos profetas tinha como finalidade despertar o povo para retomar os bons costumes e a adoração ao único Deus verdadeiro (cf. Is 1). Mas o povo, todavia, «perseguiu e matou os profetas» (Mt 5, 12; 23, 30-35) e, como consequência, Israel e Judá experimentaram o exílio e a destruição.

No evangelho de Lucas, Jesus é interpretado à luz do profeta-mártir, estando em discussão constante a autenticidade da Sua missão e vocação. Pois, no tempo de Jesus, a questão profética estava envolta em dúvidas de autenticidade, em virtude de muitos dos que se chamavam profetas, ou dos que diziam ser o Messias esperado, serem apenas entusiastas, que rapidamente caíram no esquecimento.

Para os que condenaram Jesus, não existiam dúvidas de que se tratava de um falso profeta, mas para os que O seguiram, Ele foi o «profeta escatológico enviado por Deus»⁹⁶, tornando-se, por sua vez, os que O condenaram inimigos de Deus e do povo.

Assim, a morte de Jesus é entendida «não como um facto isolado, mas na perspectiva de toda a sua vida profética»⁹⁷, isto é, o escândalo da morte infame é superado pela recordação da sua vida como “luz do mundo” (cf. Jo 8, 12), salvífica também para os cristãos perseguidos⁹⁸.

⁹⁶ *Ibid*, p. 411.

⁹⁷ *Ibid*, p. 413.

⁹⁸ *Ibid*, p. 414.

Neste sentido, Jesus Cristo surge como o *arquimártir*, na medida em que a Sua vida, em especial a Paixão e morte, expressa uma lógica de manifestação de amor e dádiva de vida, em que «a medida do amor vem pela capacidade de sacrificar-se pelo amado: quanto mais se está disposto a sacrificar, tanto mais se ama. O máximo que o homem pode sacrificar é a vida e Cristo ofereceu-a pelos homens»⁹⁹. Na verdade, quem entrega totalmente a sua vida por uma causa afirma desse modo a sua convicção irreprimível.

Porém, só podemos falar de mártires – aqueles que recebem efetivamente o título – porque existem perseguidores. Pela tortura, condenação e assassínio, estes colocam à prova as convicções dos perseguidos. Os que perseveraram, independentemente dos sofrimentos por que tenham de passar, alcançaram o título de mártir, pois, para além da graça da vocação ao testemunho de Cristo pelo martírio, mostraram ser fortes o suficiente para resistir às ameaças e tentações.

Neste sentido, «Jesus, por ser fiel a si mesmo, à sua mensagem, teve que aceitar a perseguição e o martírio»¹⁰⁰, porque esta foi «a consequência histórica de uma recusa da mensagem e da pessoa de Jesus por aqueles que não quiseram converter-se ao reino de Deus»¹⁰¹. Todavia, quando pensamos na fidelidade de Cristo, não podemos apenas cingir-nos ao momento da sua paixão e morte, temos antes de olhar para toda a Sua vida, ocasião constante de luta¹⁰².

Precisamente, a imagem da luta e a linguagem bélica estão presentes no Novo Testamento e desenvolveram-se intensamente quer durante a perseguição contra os cristãos, quer na espiritualidade cristã ao longo dos séculos. Em suma, trata-se de uma visão dualista da realidade: os “bons” (os santos) combatem os “maus” (o Mal).

⁹⁹ S. MARIA, Melchiorre di, CAPPELLETTI, A., “Mártir”, in ANCILLI, Ermanno, *Diccionario de Espiritualidad*, ed. Herder, Barcelona, 1987, p. 559.

¹⁰⁰ BOFF, Leonardo, “Reflexión sistemática sobre el martirio”, in *Concilium*, 183, (1983), p. 327.

¹⁰¹ *Ibid*, p. 327.

¹⁰² RAHNER, Karl, “Dimensiones del martirio”, in *Concilium*, 183, (1983), p. 322.

Nos Evangelhos Sinóticos, a imagem da luta está retratada na passagem das tentações de Jesus (cf. Mt 4, 1-11; Mc 1, 12-13; Lc 4, 1-13), enquanto no Evangelho de João a referência à “hora” está associada à luta contra satanás (cf. Jo 12, 27s; 7, 30; 13, 1). Noutros escritos do Novo Testamento, esta dinâmica de luta contra satanás surge através de uma linguagem militar e bélica (cf. Ef 6, 11-12; 1Ts 4, 8; 2Cor 7, 5; Fl 2, 25; 3, 14; Cl 4, 12; Ap 17, 14). Por sua vez, as Atas dos Mártires contêm o desenvolvimento alargado desta linguagem de incentivo e fortalecimento para o grande combate.

Apesar da morte de Jesus ser a consequência inevitável de Ele não ter cessado de testemunhar o amor de Deus, saliente-se que aquela não foi provocada voluntariamente, nem sequer foi ativamente procurada por Ele, tal como não constituiu desígnio pré-estabelecido desde o início por Deus, nem um castigo divino¹⁰³. Pelo contrário, «Cristo, na Sua paixão e morte, é, ao mesmo tempo, a expressão acabada da amizade do Pai em relação aos homens, e o modelo da resposta a tal amor. Ele é, por isso, o *arquimártir*, o protótipo do martírio por amor»¹⁰⁴.

Por conseguinte, apresentamos de seguida a imagem do mártir no sentido estritamente religioso cristão do termo.

2.2. Relevância do martírio na vida cristã

O número 42 da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG) do Concílio Vaticano II, afirma a propósito do martírio:

«Como Jesus, Filho de Deus, manifestou o Seu amor dando a vida por nós, assim ninguém dá maior prova de amor do que aquele que oferece a própria vida por

¹⁰³ Tendo como ponto de partida a expressão joanina «Deus é amor» (Jo 1, 14) não podemos admitir, sob nenhuma forma, que Deus deseje o mal, a morte ou o castigo. Assim, se de Deus só recebemos a vida e amor, a melhor resposta que Lhe podemos dar é amar até às últimas consequências. Nisto reside a força e a perseverança dos que sofrem e dos mártires. Porém, existe no ser humano dois motivos para rejeitar um amor e o amor de Deus: a consciência de finitude e a culpa. Estes dois fatores constituem os princípios para a vida em desamor constante, pelos outros e por Deus. Cf. BALTHASAR, Hans Urs von, *Sólo el amor és digno de fe*, ed. Sigueme, 2ª edição, Salamanca, 2006, pp. 59-69.

¹⁰⁴ LAMELAS, Isidro, “Deus sofre nos seus amigos: os mártires”, in *Communio*, XX, (2003/6), p. 505.

Ele e por seus irmãos (cfr. 1Jo. 3,16; Jo. 15,13). Desde os primeiros tempos, e sempre assim continuará a suceder, alguns cristãos foram chamados a dar este máximo testemunho de amor diante de todos, e especialmente perante os perseguidores. Por esta razão, o martírio, pelo qual o discípulo se torna semelhante ao mestre, que livremente aceitou a morte para salvação do mundo, e a Ele se conforma no derramamento do sangue, é considerado pela Igreja como um dom insigne e prova suprema de amor. E embora seja concedido a poucos, todos, porém, devem estar dispostos a confessar a Cristo diante dos homens e a segui-l'O no caminho da cruz em meio das perseguições que nunca faltarão à Igreja»¹⁰⁵.

Do anteriormente exposto, torna-se claro que, não só os mais antigos escritos cristãos, mas também os mais recentes abordam, com grande frequência, o tema do martírio. Encontrámo-lo nas Atas dos Mártires, em sínteses temáticas ou mesmo em escritos exortativos ao martírio. Também revela que a realidade martirial foi assumida como a Via (cf. Act 22, 4) por excelência para os Apóstolos e para os cristãos, tendo-se tornado o centro da espiritualidade dos primeiros séculos do Cristianismo. Nas cartas paulinas, encontram-se, de resto, escritos de cariz martirial, ou seja, expressões de que os cristãos têm a obrigação de testemunhar convictamente e publicamente a sua fé (cf. 2Tm 1, 8).

Em todo o caso, Cristo sempre foi o modelo de mártir e, portanto, o ponto de referência e exemplo a imitar. Em particular, era evidente em Jesus Cristo a coerência entre as palavras e as ações, a par de uma grande conformidade com os desígnios de Deus no AT. Isto levou a que os seus seguidores se empenhassem em idêntica coerência e diligência, sem recearem as perseguições ou a morte, tal como Cristo e em consonância com as Suas profecias de que também os que O seguissem seriam perseguidos (cf. Mt 10, 16-23; 24, 9-18; Mc 13, 9-13; Lc 21, 12-19). Se tal acontecesse, poderiam alegrar-se, pois «o martírio

¹⁰⁵ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, 42, in *AAS*, 57, (1965), 48.

constitui a expressão mais alta da perfeição cristã (e) é a imagem viva de Jesus Cristo crucificado, modelo e caminho de todas as formas de santidade»¹⁰⁶.

Assim, todo aquele que, por defender Cristo e a Sua mensagem, sofre o mesmo tipo de padecimentos que Ele sofreu, revive fisicamente, mas também misticamente, na sua própria carne, o mistério de Cristo julgado, condenado, morto e ressuscitado¹⁰⁷.

A chamada configuração a Cristo está intimamente ligada, em todos os tempos do Cristianismo, à morte sangrenta dos cristãos – à imagem da morte sangrenta de Cristo. Porém, o desenvolvimento teológico, ao longo dos séculos, acabou por voltar-se para uma perspectiva em que se passou a dar atenção ao batismo como matriz daquela configuração¹⁰⁸, sendo que se passou justamente a vincar nesta dinâmica do nascimento para a vida nova, levando a que se passasse a considerar que pelo batismo somos configurados a Cristo e integrados na Igreja, Seu Corpo.

Nesta linha, a espiritualidade cristã adquiriu expressões e léxico militar e bélico: exército, batalha, armas, entre outros termos, que coexistem com as virtudes e características da santidade, entre as quais a pureza de espírito, a fé inquebrantável, a generosa confiança e outras semelhantes¹⁰⁹.

Dadas as características e o modo como ocorria a perseguição religiosa nos primeiros tempos – em arenas, nos tribunais e até em ambiente público – a literatura cristã, nomeadamente as Atas dos Mártires, adquiriram expressões qualificativas deste ambiente. Os cristãos em provação eram apelidados de atletas, pois tal como «os atletas impõem a si mesmos toda a espécie de privações: eles, para ganhar uma coroa corruptível; nós, porém,

¹⁰⁶ BRAGANÇA, J., “Martírio e santidade”, in *Communio*, IV, (1987/2), p. 123.

¹⁰⁷ Cf. LAMELAS, Isidro, *a. c.*, p. 506.

¹⁰⁸ Cf. S. MARIA, Melchiorre di, CAPPELLETTI, A., *a. c.*, p. 556. Ainda sobre este tema, na página 559 do mesmo dicionário: «São Tomás estabelece uma confrontação entre o batismo de água, de desejo e de sangue para ver qual dos três é mais eficaz. Conclui em favor do batismo de sangue em virtude da maior confiança com Cristo» (Cf. TOMÁS DE AQUINO, *III*, 66, 12).

¹⁰⁹ Cf. Ef 6, 11-12; 1Tes 4, 8; 2Cor 7, 5; Fl 2, 25; 3, 14; Cl 4, 12; Ap 17, 14.

para ganhar uma coroa incorruptível» (1Cor 9, 25). Também eram denominados combatentes, uma vez que lutavam contra o mal – personificado nos governantes e autoridades perseguidoras. Outra designação era discípulo, reservada àquele que, pela sua fidelidade manifesta no martírio, chegavam «a ser um “verdadeiro” discípulo de Cristo»¹¹⁰.

Em traços gerais, o termo mártir começou por ser aplicado, no Cristianismo, àqueles que eram mortos na defesa da fé em Cristo. Exigia-se uma profissão de fé pública a que se seguia a morte. Posteriormente, o conceito alargou-se, generalizando-se a quantos haviam vivido fielmente e em perfeita santidade em Cristo, mas apenas não tiveram a oportunidade de derramar o seu sangue. Martinho de Tours terá sido o primeiro a ser venerado, no Ocidente, como santo apesar de não ter sofrido o martírio¹¹¹.

Assim se percebe que o termo “fé” passou a incluir, ao longo da história da Igreja, não apenas a afirmação por palavras de que Jesus Cristo é Filho de Deus, mas também a defesa de costumes inerentes à fé cristã. É precisamente neste sentido que, por exemplo, Maria Goretti foi, e é, tida como mártir, pois morreu em defesa de princípios da moral cristã¹¹².

Como veremos posteriormente, com o aparecimento da ascética e do monaquismo tendeu-se a equiparar o martírio sangrento à obediência, castidade e ascese, enquanto meios igualmente legítimos para a santidade e para a configuração com Cristo¹¹³.

Outra característica importante do martírio é a comunhão com Cristo e com a Igreja, uma vez que «o martírio não é um acto isolado e individual, mas eclesial. O mártir *confessa* a sua fé como membro da Igreja e sela com o sangue a Fé que dela recebeu»¹¹⁴. Nesta linha

¹¹⁰ S. MARIA, Melchiorre di, CAPPELLETTI, A., *a. c.*, p. 556.

¹¹¹ Cf. FIGURA, Michael, “Martírio e seguimento de Jesus”, in *Communio*, XIII, (1996/2), p. 171.

¹¹² Cf. RAHNER, Karl, *a. c.*, p. 321.

¹¹³ Cf. JANSSENS, Jos, “El martirio: gracia de Dios y testimonio de amor obediente”, in *Selecciones de Teologia*, 93, (1985), pp. 71-73.

¹¹⁴ BRAGANÇA, J., *a. c.*, p. 131.

se compreende o «por vós» e a vocação do mártir, enquanto elemento distintivo da categoria herói. O carácter vocacional do martírio é outra importante marca, dado que o sofrimento do martírio só é compreensível «em e por Cristo»¹¹⁵.

A jeito de síntese provisional, podemos, aqui, transcrever as palavras precisas e ajustadas de Melchiorre di S. Maria e Cappelletti:

«nos três primeiros séculos, os termos [mártir e martírio] eram usados num triplice sentido especificamente cristão: antes de tudo chama-se mártir a quem dá a sua vida ou derrama o seu sangue por Cristo e o seu testemunho recebe o nome de “martírio perfeito, consumado”; também se chama mártir àquele que confessa a sua fé diante do tribunal ou é preso por causa dela, e o seu testemunho pode denominar-se um “martírio incoativo”: mas o nome próprio é “confessor” e o seu testemunho deve ser chamado “confissão”. (...) Finalmente, o termo “martírio” (aplica-se a quantos) põem em prática os preceitos e conselhos do Senhor»¹¹⁶.

Porém, a história conta com relatos de pessoas que não prevaleceram na fé em Cristo e apostataram. Assim, a realidade da apostasia acompanha a história da Igreja, em particular nos tempos de maior perseguição, tendo sido denominada como ato “abortivo” no seguimento da linguagem do nascimento ocorrido com o batismo. Esta apreciação parece hoje demasiado dura, no entanto, talvez fosse justificável e aceite noutros tempos.

No âmbito da perseguição religiosa em geral, mas especialmente no Cristianismo, existe, por parte das autoridades perseguidoras, o objetivo – frequente nos casos de perseguição declarada e em ambiente de missão, não obstante também haver sido frequente nos primeiros séculos do Cristianismo – de levar os crentes a apostatar. Pretende-se com este

¹¹⁵ LAMELAS, Isidro, *a. c.*, p. 508.

¹¹⁶ S. MARIA, Melchiorre di, CAPPELLETTI, A., *a. c.*, p. 555.

ato público de negação da fé, por meio de declaração ou de algum gesto significativo, persuadir os demais crentes a abandonarem a fé, o que se registou de forma especialmente aguda no terceiro século da história da Igreja com a perseguição de Décio¹¹⁷.

Shusaku Endo, na obra *Silêncio*¹¹⁸, romanceia a história de Sebastião Rodrigues, missionário jesuíta que parte para o Japão juntamente com outros dois sacerdotes para descobrir o paradeiro de Cristóvão Ferreira, que se acreditava ter sucumbido à tortura e apostatado, para grande desgosto da Companhia de Jesus e da Igreja de Roma. Rodrigues desejava esclarecer o sucedido, mas caso não o conseguisse, desejava sofrer o martírio nas terras do sol nascente.

Desta forma, na obra *Silêncio* é evidente que o valor da vida pode estar para além do valor do martírio, principalmente se estiverem em causa vidas alheias. Em todo o caso, mesmo sem a morte sangrenta que confirma o martírio, são muito os apóstatas que sofrem como os mártires e em cujas vidas podemos encontrar vestígios de fé ardente por Cristo, uma vez que pela apostasia também se pode realizar e manifestar grande fé e caridade «por vós».

No entanto, a apostasia significa sempre, perante a perseguição, a rejeição pública da fé em Cristo com consequências imediatas na comunhão eclesial.

Para compreender isto que acabámos de dizer, é relevante falar de duas heresias presentes na história do martírio: o montanismo e o donatismo. O montanismo surgiu pela mão de Montano, herege natural da Frigia, do fim do século II, que afirmava ser o último e único depositário do dom da profecia. Segundo ele, o mundo estaria a chegar ao fim e o

¹¹⁷ Cf. DANIEL-ROPS, *o. c.*, pp. 366-367.

¹¹⁸ ENDO, Shusaku, *Silêncio*, ed. Dom Quixote, 2ª edição, Alfragide, 2010.

Paráclito haveria de se manifestar na sua glória, devendo cada provoca-lo e aspirar ao martírio. Esta pregação levou a que, pelo ano 170, muitas comunidades da Ásia e depois do Ocidente fossem devastadas¹¹⁹.

Por sua vez o donatismo, estabelecido por Donato (herege e cismático natural da Numídia), definia que a Igreja é, antes de tudo e exclusivamente, a sociedade dos justos. O donatismo surgiu em resposta aos muitos problemas, advindos das resoluções para com os pecadores e em particular para com os *lapsi* e *traditores*, que dividiam a Igreja. Porque os pecadores deixam de ser cristãos, segundo Donato, era necessário rebatizá-los. Esta heresia ganhou relevo com o cisma, em 316¹²⁰.

Após estas controvérsias, a teologia cristã do martírio ganhou autenticidade. Assim, sem esquecer o carácter eclesial e a ação do Espírito Santo no chamamento à vocação martirial, o martírio e o seu desenvolvimento podem ser compreendidos de forma restrita ou extensa. De igual modo, podem distinguir-se, do mais restritivo ao mais extensivo, três tipos de martírio: vermelho, verde e branco. De seguida, apresentamos as características próprias de cada um destes tipos de martírio e, damos alguns exemplos de pessoas que se enquadram nessas diferentes categorias.

2.2.1. Martírio Vermelho

O conceito tradicional e mais conhecido de mártir refere-se ao que padeceu e morreu publicamente na defesa da fé. Este é o martírio vermelho, refletido nas vestes litúrgicas da memória dos mártires. Caracteriza-se por uma imitação de Jesus Cristo em todas suas dimensões: reta ação, anúncio, perseguição, condenação e morte. A configuração, interior e exterior, a Jesus faz destes mártires imagens atualizadas d'Ele e da Sua mensagem.

¹¹⁹ Cf. DANIEL-ROPS, *o. c.*, pp. 282-283.

¹²⁰ Cf. *Ibid*, pp. 440-446.

Para os condenados, contudo, a morte não era um castigo, antes motivo de grande alegria e entusiasmo, pois poderiam padecer os mesmos sofrimentos de Cristo, inclusive a morte. Note-se, neste sentido, que existem relatos, como o de Inácio de Antioquia¹²¹, onde este enfatiza de tal modo a vontade de morrer, que chega a apelar aos seus companheiros e amigos que não impeçam o cumprimento da condenação a que estava sujeito: se não morresse, isso seria sinal de demérito aos olhos de Deus.

O martírio com derramamento de sangue tinha três grandes motivos: primeiro, anunciar Jesus como o Messias de Deus e ressuscitado; segundo, poder participar da sua Paixão, sofrendo a mesma condenação que Ele; terceiro, combater o mesmo combate de Cristo contra o mal, Satanás, personificado nos perseguidores, como vimos anteriormente.

Outra característica fundamental do martírio era a defesa pública. Tal como documentam os relatos dos primeiros cristãos perseguidos, uma vez que mártir é aquele que «é chamado a “responder” e a justificar-se perante os poderes públicos estabelecidos»¹²², a Igreja nunca dispensou na definição de “mártir” o «ato, pelo menos implícito, de “confissão pública” do Nome de Jesus»¹²³.

Efetivamente, foi por proclamar publicamente a Jesus como o Justo anunciado pelos Profetas que Estêvão foi condenado à morte (cf. Act 8, 52). O mesmo ocorreu com os cristãos dos primeiros séculos: depois de confessarem perante o tribunal a sua fé em Jesus

¹²¹ Inácio de Antioquia – na sua carta aos Romanos, no capítulo IV, 1-3 – exorta a que o deixem ser mártir: «1. Eu escrevo a todas as igrejas, e a todas mando dizer que de bom grado morro por Deus, se não me impedirem. Exorto-vos a que não tenhais por mim uma benevolência inoportuna. Deixai-me ser alimento das feras, pelas quais me cabe a feliz sorte de alcançar Deus. Eu sou o trigo de Deus e vou ser moído pelos dentes das feras para que eu venha a ser puro pão depois de Cristo. 2. Atiçai antes a feras para que elas sejam a minha sepultura e não deixem nada do meu corpo, para que, quando adormecer, eu não seja um fardo para ninguém. Então serei verdadeiramente discípulo de Jesus Cristo, quando o mundo não vir em sequer o meu corpo. Suplicai a Cristo por mim, para que, por meio destes instrumentos, eu seja oferecido em sacrifício a Deus. 3. Não vos dou ordens como Pedro ou Paulo. Eles eram apóstolos, eu, um condenado; eles eram livres, eu sou até agora um escravo. Mas se soffro, serei um liberto de Jesus Cristo e ressuscitarei n’Ele livre. Agora, acorrentado, aprendo a nada desejar». PEREIRA LAMELAS, Isidro, *As Origens do Cristianismo. Padres Apostólicos*, ed. Paulus, Apelação, 2016, pp. 129-130.

¹²² VILA-CHÃ, João J., “Igrejas e mártires: o martírio como símbolo e condição do ser-cristão”, in *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, 8, 2009, p. 31.

¹²³ *Ibid*, p. 31.

Cristo, eram condenados a penas de prisão e de morte pela tortura, crucificação, apedrejamento e entrega às feras.

Do ponto de vista teológico, o martírio vermelho foi desenvolvido e sistematizado por Orígenes, a partir do que ele significa: plena gratidão a Deus¹²⁴. Mas terá sido S. Cipriano a utilizar a expressão litúrgica do *cálice do mártir* em correlação com o *cálice do Senhor*, na Eucaristia¹²⁵. Duas expressões simbólicas em profunda unidade com o Mistério Pascal.

Outras correntes de espiritualidade e atitudes espirituais cresceram a partir, ou à sombra, da espiritualidade martirial, como por exemplo: a ascese, a castidade, a virgindade, a obediência (2.2.2), a caridade em situações de perigo (2.2.3) e, ainda e entre outras, a espiritualidade vitimal¹²⁶.

Dada a importância do martírio dentro da Igreja, rapidamente se desenvolveu, a partir do *calendário liberiano*, começado no ano 235¹²⁷, o “martirologio”, que consiste numa listagem com os nomes e biografias dos que derramaram o seu sangue na defesa da sua fé em Cristo. Inicialmente, cada igreja tinha a sua lista própria para recordar a data comemorativa da morte (o *dies natalis*¹²⁸) de cada mártir.

¹²⁴ Cf. BRAGANÇA, J., *a. c.*, p. 129.

¹²⁵ *Ibid*, p. 130.

¹²⁶ Por teologia vitimal, entende-se a linha espiritual presente desde o século XVII até meados do século XX – onde teve a sua maior presença –, que tinha por pano de fundo a *satisfação* e a *reparação* dos males cometidos pelos pecadores contra a perfeição da obra Deus. Tal interpretação teve como reflexo a veneração do Sagrado Coração de Jesus, que se encontra ferido pelos pecados da humanidade, e a expiação de pecados alheios com sacrifício – por vezes levado a extremos – autoinfligido. Os sofrimentos motivados por doenças também incorrem nesta interpretação como benéficos e úteis, dado que eles são a realidade humana que melhor permite os sacrifícios. A lógica desta corrente de espiritualidade alicerça-se na imagem do Deus vingativo – em detrimento do Deus misericordioso. Desta forma é preciso uma vítima, tal como foi Cristo, aplacar os castigos divinos, devendo, para isso, alguém sacrificar-se para os acolher na sua vida em vez de serem aplicados ao pecador. Com isto assiste-se à exaltação da dor. Em Portugal uma das figuras mais relevantes desta corrente espiritual foi Alexandrina Maria da Costa, que viveu motivada pelo lema: “sofrer, amar, reparar”. Cf. FREIRE DUARTE, Alexandre, “Apontamentos sobre a «espiritualidade vitimal» em Alexandrina Maria da Costa”, in *Theologica*, 2ª Série, 49, 1, (2014), pp. 63-87.

¹²⁷ Cf. DANIEL-ROPS, *o. c.*, p. 157: nota5.

¹²⁸ Cf. LAMELAS, Isidro, *a. c.*, p. 504.

Se os primeiros séculos da Igreja estão marcados pela perseguição religiosa¹²⁹, o século XX, como veremos adiante, conta uma história ainda mais sangrenta (e o século XXI, tendo-se em consideração o cenário vigente até ao presente, anuncia-se ainda mais sombrio). Assim, na base do martirologio dos primeiros séculos, esteve o que, no século XX, levou à criação, por iniciativa de João Paulo II, de igual listagem na Comissão Novos Mártires¹³⁰.

Desta forma, a realidade dos mártires dos primeiros tempos da Igreja está nos dias de hoje ainda mais profícua e viva. Neste sentido, trazer à memória mártires que derramaram o seu sangue por Cristo é recordar aqueles que hoje mesmo vivem esta glória.

2.2.2. Martírio Branco

Não obstante a tentativa de reduzir a espiritualidade da igreja primitiva à perspectiva do martírio, uma outra corrente desenvolve-se ainda neste período: a da vida ascética, a qual tem como principais características a pureza de espírito, a oração, a castidade, a virgindade, a obediência, a penitência, o jejum e a retidão segundo o Evangelho.

Nestes primeiros tempos, surge a designação de martírio quotidiano ou espiritual, em contraponto com o martírio cruento. Concretamente, «depois da paz de Milão, a vida religiosa apresenta-se como um martírio»¹³¹. Note-se que «a ideia de ascese como martírio quotidiano difundiu-se e ganhou força no século IV»¹³² com Cipriano, que estabeleceu uma frutuosa comparação entre a Paixão de Cristo e a obediência aos mandamentos divinos, o

¹²⁹ Cf. DANIEL-ROPS, *o. c.*, p. 160.

¹³⁰ A «Comissão Novos Mártires» – criada, no âmbito do trabalho preparatório para o Jubileu do ano 2000, por João Paulo II para recolher, catalogar e processar toda a memória dos “novos mártires” do século XX – reuniu mais de 12000 casos de cristãos mortos em contexto de perseguição ocorrido neste período. Cf. RICCARDI, Andrea, *O Século do martírio*, ed. Quetzal, Lisboa, 2002, p. 15.

¹³¹ S. MARIA, Melchiorre di, CAPPELLETTI, A., *a. c.*, p. 555.

¹³² JANSSENS, Jos, *a. c.*, p. 72.

que motivou a que na vida monástica e, posteriormente, na vida consagrada se utilizasse terminologia martirológica.

Como já referimos, entre os primeiros a serem venerados como santos, sem terem sofrido o martírio, consta o monge e asceta Martinho de Tours (316-397)¹³³, que, como outros, impregnou a sua vida da força vitoriosa, de uma paciência constante, uma serenidade persistente, compadecimento, solicitude e luta contra a maldade do homem e do demónio¹³⁴. Por conseguinte, a vida ascética e a pureza de consciência passam a ser entendidas também como martírio espiritual¹³⁵, o que favoreceu a consideração da «virgindade como prática de um martírio espiritual»¹³⁶.

Segundo o cardeal inglês Reginal Pole (1500-1553), o «martírio é essencialmente um testemunho de obediência a Deus»¹³⁷, o que permite, além de uma interpretação ampla do conceito, a abertura a muitos mais cristãos a alegria da configuração plena a Cristo. Neste sentido, o religioso, que vive com fidelidade absoluta à regra da ordem ou congregação a que pertence, «oferece a Deus um holocausto tão agradável como o oferecido pelo mártir. (...) Na tradição monástica considerou-se a profissão dos conselhos evangélicos idêntica a uma vida de martírio»¹³⁸.

Da mesma forma, «Metódio de Olimpo afirma que a virgindade voluntariamente abraçada é um longo e árduo martírio: compromete a alma numa luta olímpica de toda a vida, em que há que resistir continuamente aos assaltos das paixões»¹³⁹. E ainda: «o desejo

¹³³ Cf. FIGURA, Michael, *a. c.*, p. 171.

¹³⁴ Cf. *Ibid*, p. 171.

¹³⁵ Cf. JANSSENS, Jos, *a. c.*, p. 72.

¹³⁶ *Ibid*, p. 72.

¹³⁷ *Ibid*, p. 72

¹³⁸ S. MARIA, Melchiorre di, CAPPELLETTI, A., *a. c.*, p. 561.

¹³⁹ *Ibid*, p. 555.

do martírio deu vida a uma verdadeira prática ascética: os cristãos tinham de cultivar a disposição interior para aceitar o martírio sempre que lhes fosse exigido»¹⁴⁰.

Ao longo da história desenvolveram-se igualmente inúmeras correntes espirituais, de exaltação da virgindade e castidade. Disso é exemplo Maria Goretti (1890-1902), assassinada por resistir a uma tentativa de violação. Como ela, outros exemplos, designados *mártires da pureza*¹⁴¹, marcaram a história do século XX.

2.2.3. Martírio Verde

Outra linha é a do “martírio verde” ou “martírio da caridade”. Nela se inscrevem aqueles que, sabendo do perigo mortal em que incorrem por motivo de conflito ou doença, insistem em permanecer em determinado local para dar assistência aos mais desfavorecidos. Por consequência, estes mártires acabam por sofrer os mesmos padecimentos, doença ou perseguição, que aqueles a quem prestam auxílio.

Se o motivo de perigo é a perseguição, frequentemente estes heróis são mortos em circunstâncias não raro dissociadas do motivo da perseguição, o que dificulta a percepção imediata de que estas mortes sejam consequência da ação evangélica. Porém, «uma coisa é certa, se não tivessem praticado a caridade, não teriam exposto a sua vida ao risco de morte, desta maneira»¹⁴².

Assim, à imagem de Cristo, estes homens e mulheres entregam as suas vidas «por vós» (cf. Lc 22, 19-20), isto é, em favor de necessitados a quem não resta outra assistência. Orígenes destaca as obras perfeitas, que «brilham diante dos homens de modo que dão testemunho da luz»¹⁴³. Assim, «quem morre – por exemplo – na prestação de um serviço

¹⁴⁰ *Ibid*, p. 560.

¹⁴¹ RICCARDI, Andrea, *o. c.*, p. 402.

¹⁴² *Ibid*, p. 376.

¹⁴³ S. MARIA, Melchiorre di, CAPPELLETTI, A., *a. c.*, p. 555.

de caridade heroica num lazareto ou num leprosaria apresenta sem dúvida uma grande analogia com quem derrama realmente o seu sangue»¹⁴⁴.

Ampliando a compreensão da abrangência do termo “mártir”, Karl Rahner questiona a possibilidade de os mártires, que verteram sangue ou não, dos regimes totalitários serem intimamente semelhantes a Cristo, pois estes, na sua vida de amor e caridade cristãs, não se confundem com heróis nem se autocompreendem como mártires; pelo contrário, sentem-se desprovidos de tal atributo, sabem que são considerados apenas os desgraçados da sociedade¹⁴⁵, quando são, na verdade, justos em sofrimento e vítimas inocentes.

Nesta categoria de mártires encontram-se igualmente incontáveis homens e mulheres de todos os tempos: Luíz Gonzaga, no século XVI; e, no século XX, inúmeros missionários e missionárias como Guilhermine e Marie Xavier, que não abandonaram o hospital de Totorá, na Argentina em 1919, durante a epidemia de peste bubónica, por considerarem que a caridade e que correriam¹⁴⁶. Como estas missionárias, muitos outros cristãos (Santa Madre Teresa de Calcutá, por exemplo) aceitaram, conscientemente, o risco mortal para cumprirem fielmente a missão da caridade.

2.2.4. Outras versões de Martírio

O martírio cristão distingue-se de outras definições de “martírio” pelo seu carácter indissociável de configuração a Cristo, uma dimensão que não está noutras utilizações do termo. Não obstante, é frequente a designação “mártir” ser aplicada a qualquer pessoa vítima de algum tipo de sofrimento atroz e injusto. Esse sofrimento pode resultar da defesa

¹⁴⁴ *Ibid*, p. 561.

¹⁴⁵ Cf. BAGGIO, Antonio Maria, “Introduzione: dall’eroe al martire. Dimensioni della libertà de morire”, in *Nuova Umanità*, XXXIV, 200, (2012/2), pp. 381-382.

¹⁴⁶ RICCARDI, Andrea, *o. c.*, pp. 372-373.

pública de direitos cívicos, de discriminação social ou ainda ser causado por algum tormento ou doença. É distinta destes a utilização do termo “mártir” na terminologia religiosa cristã.

Efetivamente, existe alguma proximidade entre a denominação no ambiente cristão e a sua utilização em ambiente secular, embora neste se tenda a fazer corresponder ao termo herói. Os dois termos homónimos distinguem-se substancial e conceptualmente.

Assim o entende Antonio María Baggio, para quem ser mártir constitui o ponto alto do heroísmo¹⁴⁷: muitos heróis do século XX, figuras que se destacaram pela luta contra os poderes instalados ou emergentes, como o nazismo, o comunismo, o fascismo e outras violações dos direitos humanos, alicerçaram as suas convicções em Jesus Cristo para defenderem não só a fé, como aconteceu nos primeiros séculos, mas também os direitos dos cidadãos, principalmente dos mais desfavorecidos. Este é o caso, por exemplo, de Óscar Romero, Martin Luther King, Nelson Mandela e Dag Hammarskjöld.

Antonio María Baggio descreve ainda as seguintes características do martírio: a dimensão *testemunhal*, entendida como a coerência entre as palavras e o comportamento; também a *consciência* dos perigos a que está exposto; a opção *livre* por aceitar, ou não, as provações, ou mesmo a morte, daí resultantes; a *inocência* da pessoa que testemunha, a Cristo; a tentativa de *denunciar* a violação dos valores que defende; e ainda a dimensão *representativa*, dado que o mártir é o que se adianta na defesa de outros, caracterizando-se, também, por *comunicar e confirmar* o conhecimento e defesa da causa de Cristo a que dedica toda a sua vida¹⁴⁸.

¹⁴⁷ Cf. BAGGIO, Antonio María, *a. c.*, pp. 381.

¹⁴⁸ Cf. *Ibid*, pp. 384.

Em suma, o martírio cria uma mentalidade nova: atualiza e torna eficaz o motivo pelo qual morre e desperta noutros o chamamento ao mesmo testemunho. Estas características não são exclusivas de um tipo de martírio, podendo ser aplicadas a qualquer tipo, inclusive ao martírio quotidiano.

2.3. A realidade atual

Para compreendermos a realidade atual da perseguição religiosa a nível mundial, especialmente a compreendida entre 2010 e 2016, é necessário atender ao passado recente do século XX e à primeira década do século XXI, não só porque muitos dos motivos que, supostamente, justificam as perseguições atuais datam deste período, mas porque, no século XX, se registaram importantes transformações políticas, culturais, geográficas, económicas, sociais e tecnológicas.

Se com a globalização o mundo ficou mais pequeno, as tecnologias de comunicação ampliaram a perceção que temos do mundo. Isto levou a que nações e culturas diferentes tenham passado a conviver diariamente e a pressionarem-se mutuamente, o que desencadeou confrontos e guerras.

Aos conflitos de interesses juntou-se, à compreensão cultural do século XX, a ideia de que “quem não é por nós e contra nós” numa «divisão maniqueísta do mundo entre amigos e inimigos»¹⁴⁹. Esta visão separatista e exclusiva radica em múltiplos fatores, nomeadamente na desconfiança, no medo de instabilidade económica e na perda da soberania territorial e política. Este tipo de receios levou à definição de grupos inimigos da nação e, por isso, de alvos a excluir e abater “lícita e legalmente”.

¹⁴⁹ WACHSMANN, Nikolaus, *KL. A História dos Campos de Concentração Nazis*, ed. Dom Quixote, Alfragide, 2015, p. 18.

Neste seguimento, surgiram os campos de concentração nazi, os campos de concentração dos *gulag* e outros¹⁵⁰. A sua existência, camuflada por falsos pressupostos como a reeducação – além do célebre “*Arbeit macht frei*” (“O trabalho liberta”) inscrito, por exemplo em Auschwitz e que aludiria à esperança de que, pela correção e pelo contributo para a nação, seria possível aos presos retomar a vida livre –, era todavia apoiada convictamente por muitos alemães, que desejavam que o partido nazi assumisse o controlo de toda a nação, frente às pretensões dos comunistas, considerados os maiores inimigos do *Reich*.

Da Alemanha nazi se difundiam por todo o mundo movimentos com idênticos fins: defender a soberania nacional e lutar contra as ideologias estrangeiras. Falamos de regimes comunistas, fascistas, invasores e colonizadores. Certamente, nem todos os conflitos a nível mundial produziram os horrores ocorridos na Alemanha nazi ou na URSS estalinista, ou na China maoísta, mas em todo o mundo os conflitos assentes nestes pressupostos resultaram em perseguições e mortes, na maior parte de grupos e indivíduos inocentes.

Na segunda metade do século XX, registou-se, porém, o crescimento dos movimentos pela liberdade, como a democracia, pela hegemonia territorial e económica, bem como pela expansão do domínio de cada nação, apesar do florescimento, em muitos casos, de ditaduras. Registou-se, também, o desenvolvimento industrial e tecnológico, que permitiu alargar o conceito de globalização, apesar dos inúmeros conflitos étnico-culturais e religiosos a que já aludimos.

¹⁵⁰ Os campos de concentração tiveram a sua origem nos finais do século XIX e inícios do século XX em contexto de guerrilhas. O termo «campo de concentração» vulgarizou-se inicialmente na África do Sul por ocasião das guerras entre colonizadores e colonizados, tendo sido aplicado, este conceito de prisão para os insurretos, noutros países como em Cuba, nas Filipinas e no Sudoeste Africano Alemão (atual Namíbia). Porém, os campos de concentração só apareceram no continente europeu por ocasião da Primeira Guerra Mundial, mas com finalidades e procedimentos bem distintos dos aplicados durante a Segunda Guerra Mundial, nomeadamente no Terceiro *Reich*. A brutalidade assumida em Dachau e Auschwitz não tem modelo aproximado como origem. Cf. *Ibid*, p. 17. *Gulag* é a abreviatura russa de *Administração Principal dos Campos de Trabalho Correccional e Colónias*, que consistia num sistema de campos de trabalho forçado para os criminosos e para os que se opusessem ao regime comunista na União Soviética.

No âmbito religioso, em particular na Igreja Católica, registaram-se transformações significativas, nomeadamente ao nível da missionação e das reformas internas, em ordem à sua renovação e abertura ao mundo, que na Europa experimentava o secularismo e na Ásia e América o florescimento. No contexto da missionação, registaram-se no século XX variadíssimos casos de perseguição e morte, ou seja, de martírio.

Não obstante a missionação cristã ter atingido o seu ponto alto no século XX, data também desta época a aplicação dos princípios secularistas e ateístas estudados e apresentados filosoficamente a partir dos séculos precedentes (Karl Marx, Sigmund Freud, Ludwig Feuerbach, Friedrich Nietzsche, Jean-Paul Sartre).

Estes princípios regeram o final do segundo milénio e determinaram substancialmente a influência e ação da Igreja na sociedade, em particular na Europa e nos países em processo de descolonização/independência. Isto concretiza-se em perseguição direta e declarada às instituições religiosas, com a consequente confiscação de bens, expulsão de missionários, anticlericalismo, condenações arbitrárias e penas de tortura ou mesmo de morte. Em vários casos, a perseguição não foi declarada ou realizada pelos poderes locais, mas por grupos filiados a correntes radicais, que pelos seus próprios meios e à margem da lei, perseguiram as instituições religiosas¹⁵¹.

A realidade martirial do Cristianismo no século XX, se não superou, equiparou-se à dos primeiros tempos¹⁵², a ponto de o Papa João Paulo II afirmar que «no final do segundo milénio, a Igreja tornou-se novamente a Igreja dos mártires»¹⁵³. Esta impressionante afirmação reconhece a grandeza do testemunho de quantos permaneceram firmes em Cristo.

¹⁵¹ RICCARDI, Andrea, *o. c.*, p. 392.

¹⁵² Daniel-Rops na sua obra sobre a história dos primeiros séculos da Igreja atribuiu-lhe o título “L’Église des Apôtres et des Martyrs”, pois é consensual que os primeiros séculos da Igreja estão marcados pela perseguição, violência e martírio.

¹⁵³ João Paulo II, Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, 37, in *AAS*, 87, (1995), 29.

Porém, o comum dos fiéis e da sociedade em geral não tem essa consciência, uma vez que destes mártires o que resta é, muitas vezes, apenas a imagem “fracassada” da sua morte.

Recordamos, como cristãos e à devida distância, a heroicidade dos mártires da Igreja primitiva, mas geralmente temos mais dificuldade em reconhecer esse mesmo espírito de heroicidade e de testemunho de Cristo nos mártires do século XX e XXI. É grande a ignorância sobre a perseguição à fé cristã (*odium fidei*¹⁵⁴) em todo o mundo, mesmo que várias organizações se esforcem por denunciar as situações de perseguição.

Assim sendo, impõe-se uma apresentação da perseguição religiosa¹⁵⁵ ao Cristianismo nos dias de hoje, o que faremos de seguida e de modo sucinto.

A perseguição religiosa deve-se essencialmente a três grandes motivos ideológicos: o regime político, o radicalismo religioso e os interesses económicos¹⁵⁶. Estes motivos não surgem isoladamente, mas muitas vezes em conjunto e quase sempre dissimulados por outras razões, o que dificulta não só a sua esquematização e compreensão, mas, nos casos mais delicados, impedem a perceção clara acerca daquele que morre: será mártir, apenas mais uma vítima ou um verdadeiro culpado de algum crime?

Assim, entre os países onde a perseguição é empreendida diretamente pelo poder político vigente constam o Azerbaijão, a Bielorrússia, o Cazaquistão, a China, a Colômbia,

¹⁵⁴ BOFF, Leonardo, “Reflexión sistemática sobre el martirio”, in *Concilium*, 183, (1983), p. 329. «Odeia-se não a fé simplesmente, mas este tipo de fé e praxis libertadora que se inspira na paixão por Deus e pelos pobres a quem Deus ama. Não se odeia apelas por serem cristãos. São perseguidos e odiados porque se comprometem com um processo de libertação e confeção que este compromisso nasce da vivencia do evangelho e da oração. Esta conexão é o que justifica e provoca o sacrifício da vida pelo martírio».

¹⁵⁵ Teremos por base as obras “Por causa do meu nome” de Reinhard Backes, o Sumário Executivo “Perseguidos e Esquecidos um relatório sobre os Cristãos Oprimidos por causa da sua Fé 2013/2015” da Fundação Ajuda à Igreja que Sofre (AIS) bem como o restante relatório presente no site http://www.aidtochurch.org/report2014/por/index_por.html e ainda o mais recente relatório, relativo ao ano de 2015, disponível em <https://www.opendoorsusa.org/> da *Open Doors USA* – uma organização sem fins lucrativos que acompanha e ajuda os cristãos perseguidos em mais de sessenta países. A extensão dos relatórios e obras reportam até 2015.

¹⁵⁶ Divisão assumida na obra de BACKES, Reinhard, *Por causa do meu nome. Perseguição aos cristãos nos dias de hoje*, ed. Paulinas e Fundação AIS, Prior Velho, 2007.

a Coreia do Norte, Cuba, o Laos, o México, o Turquemenistão, o Djibouti, a Rússia, o Usbequistão e o Vietname.

Já a lista dos países onde a perseguição se deve a interesses económicos é mais reduzida, por a perseguição não ser explícita. No entanto, saliente-se que na Bósnia-Herzegovina, na Guatemala, na Índia, na Ucrânia e na Venezuela a dissimulação não impede a atrocidade evidente dos atos violentos contra os crentes.

Por fim, elencamos os países em que a perseguição religiosa é provocada pelo fanatismo religioso ou tribal: o Afeganistão, a Arábia Saudita, a Argélia, o Bangladeche, o Barém, a Birmânia, o Brunei, o Butão, o Catar, os Comores, o Egito, os Emirados Árabes Unidos, a Eritreia, o Iémen, a Indonésia, o Irão, o Iraque, Israel/Palestina, o Líbano, a Malásia, as Maldivas, o Mali, a Nigéria, Omã, o Paquistão, o Quênia, a República Centro Africana, a Síria, a Somália, o Sri Lanka, o Sudão, o Tadjiquistão, a Tanzânia, a Transjordânia, a Tunísia e a Turquia.

Ao todo, cinquenta e cinco países em todo o mundo estão em destaque nas listagens dos relatórios das várias organizações que acompanham a evolução da perseguição religiosa. Com a exceção de alguns países da Europa de Leste ou da América Latina, os demais encontram-se, maioritariamente, no norte e centro do continente africano e em toda a Ásia. Também é de particular relevo o facto de grande parte destes países terem passado no século XX por processos de descolonização ou invasão militar.

Porém, mais do que os motivos, teremos em conta casos particulares, ocorridos em alguns dos países aqui referidos, de pessoas que tornam Cristo presente no mundo e se configuram a Ele pela Via do martírio. Na Conclusão, deste trabalho teremos ainda em atenção de que forma a hierarquia eclesial está desperta para entender, acompanhar e exortar os novos mártires.

Segundo a organização *Open Doors*, terão sido assassinados, entre novembro de 2014 e novembro de 2015, 7100 cristãos (ou seja, em média, quase um por hora) e atacadas 2400 igrejas em todo o mundo, o que representa um aumento de 2,6% de casos registados comparativamente ao ano anterior¹⁵⁷. Ainda no relatório de 2016 da mesma organização, volta a ocupar o topo da lista das situações mais preocupantes a Coreia do Norte, lugar que ocupa há aproximadamente quinze anos. Vejamos, de seguida, alguns exemplos paradigmáticos deste cenário que se acabou de delinear.

Coreia do Norte

Conforme o relatório *Perseguidos e Esquecidos*¹⁵⁸, a Coreia do Norte ocupa consecutivamente, desde 2001, para a organização *Open Doors*, o primeiro lugar relativamente à violação da liberdade religiosa. O regime ditatorial da dinastia Kim, iniciada em 1953 pelo *Querido Líder* Kim Il-sung e continuada desde 2011 por Kim-Jong-Un, o jovem sucessor de 33 anos, impôs o culto da personalidade do imperador a partir da presença e o culto à sua imagem «em cada casa, escritório ou edifício público»¹⁵⁹.

Vigora neste país a política isolacionista, a ponto de os cristãos serem considerados como “uma ameaça séria”, segundo um relatório das Nações Unidas de 2014, uma vez que o associam à vizinha Coreia do Sul, com quem têm más relações, e consideram o Cristianismo uma «importação do Ocidente e uma influência desestabilizadora»¹⁶⁰.

No entanto, a constituição norte-coreana prevê a “liberdade de crença religiosa”. Porém, nenhum outro sistema de culto é permitido para além do culto ao imperador. Em 1988 foram criadas as federações religiosas protestantes, católicas, ortodoxas e budistas,

¹⁵⁷ Cf. <https://fundacaoais.wordpress.com/2016/01/18/world-watch-list-2016/> (Consultado em 31-05-2016).

¹⁵⁸ AA.VV., *Perseguidos e Esquecidos um relatório sobre os Cristãos Oprimidos por causa da sua Fé 2013/2015*, ed. Fundação AIS, 2015, pp. 29-36.

¹⁵⁹ *Ibid*, p. 29.

¹⁶⁰ *Ibid*, p. 30.

mediante as quais era superficialmente reconhecida a sua presença em território norte-coreano. A existência de uma igreja católica, duas protestantes e uma ortodoxa russa na cidade de Pyongyang constitui, portanto, uma manobra de ilusão para turistas, uma vez que nestes edifícios raramente têm lugar celebrações ou ritos religiosos.

Os dados oficiais¹⁶¹ revelam que mais de 70% dos 24,4 milhões de norte-coreanos se declaram ateus, sendo os cristãos apenas 489 mil (2%). No entanto, a realidade poderá ser bem distinta, uma vez que grande parte dos cristãos pratica a sua fé em segredo. Existem indícios de que pelo menos 50 mil cristãos estão retidos e ou sujeitos a tortura em campos de concentração, sendo que, desde 1953, terão desaparecido cerca de 200 mil cristãos.

Entre os poucos casos de violação da liberdade religiosa por parte do poder imperial que chegaram ao conhecimento público, avulta o relato de novembro de 2013 em que cerca de 80 pessoas terão sido mortas em execução pública, simplesmente porque algumas delas tinham bíblias em sua posse. A acusação alegava, porém, outros crimes, tais como: ser telespectador de televisão sul-coreana, distribuição de pornografia e recurso à prostituição¹⁶². Neste, como em outros casos, principalmente contra missionários de várias igrejas, a acusação apresenta argumentações variadas e frequentemente pouco claras quanto à veracidade dos factos.

Iraque

O país que ocupa o segundo lugar no relatório da *Open Doors* relativo a 2015 é o Iraque. Note-se que o país onde um importante grupo de cristãos viveu durante dois milénios corre hoje o risco de desaparecer definitivamente, como referiu o Arcebispo caldeu Bashar Warda de Erbil, na Câmara dos Comuns, em Londres, a 10 de fevereiro de 2015,

¹⁶¹ Cf. *Ibid*, p. 29.

¹⁶² Cf. *Ibid*, p. 32.

nos seguintes termos: «estamos a enfrentar a extinção do Cristianismo como religião no Iraque»¹⁶³.

Este grito de dor manifesta uma ferida da história, aberta desde o século VII com o início do confronto do Islamismo com aquele grupo religioso e cultural e pelas lutas de poder político e económico ocorridas entre os séculos XVI e XX; todos os fatores contribuíram para o facto de o Iraque ser hoje um país profundamente dividido.

Geograficamente, o norte é dominado pelos curdos e o sul pelos árabes. Do exterior exercem pressão económica países como o Irão, a Turquia, a Síria e a Arábia Saudita; e a União Europeia e os EUA fazem constantes exigências políticas. A tudo isto acresce a história recente de instabilidade política das últimas décadas com vários golpes de estado, o mais recente contra Saddam Hussein, considerado um dos ditadores mais cruéis do nosso tempo¹⁶⁴.

O Iraque lida ainda com o lastro e as consequências das acusações de colaboração nos de 11 de setembro contra os EUA, o que tem vindo a causar ao país grande destruição e precariedade. Assim, rapidamente surgiram vários grupos islâmicos radicais, que de forma lesta atribuíam aos cristãos uma perigosa cumplicidade com os EUA e a Europa.

Perante este cenário, em 2014 restavam no Iraque apenas 260 mil cristãos, o que perfazia 0.8% da população total do país, segundo dados da Fundação AIS¹⁶⁵. Todavia, os dados podem hoje ser muito diferentes, uma vez que as investidas de grupos como o *Daesh*¹⁶⁶ têm vindo a agravar ainda mais estes valores.

¹⁶³ *Ibid*, p. 74.

¹⁶⁴ Cf. BACKES, Reinhard, *o. c.*, p. 143.

¹⁶⁵ AA.VV., *Perseguidos e Esquecidos ...*, pp. 74-80.

¹⁶⁶ *Daesh* é a transliteração corrente do termo árabe *Estado Islâmico do Iraque e do Levante* (ou *da Síria*). Autodenominada Estado Islâmico, trata-se de uma organização que pretende pela força (*jiadista*) criar um *Estado* soberano orientado por leis, conservadoras mais ortodoxas muçulmanas. Este grupo, não reconhecido internacionalmente como Estado – antes definido como grupo terrorista –, pretende unificar as regiões da Jordânia, Israel, Palestina, Líbano, Chipre, parte da Turquia e, eventualmente – em fidelidade à doutrina religioso-política islâmica mais ortodoxa –, reconquistar todos os territórios que, no passado, haviam sido parte da *Umma* (unidade religioso-geográfica islâmica).

Dados mais recentes da perseguição contra cristãos neste país prolongam o rasto de morte. Sabemos, por exemplo, de uma mulher cristã assíria de 80 anos que foi queimada viva por radicais do Estado Islâmico em Karamlis, em maio de 2015, apenas por não ter aceite sujeitar-se à lei da *sharia*¹⁶⁷; de relatos de dois cristãos, Qais Abd Shaya e Safer Hann Sony, que foram mortos por raptos islâmicos, em julho de 2015; também de ataques a igrejas, em agosto de 2004; do rapto do arcebispo sírio católico Basile Georges Cas-moussa, a 17 de janeiro de 2005; e da morte por atentado à bomba de um político cristão em Rafigayn, em 2013.

Graças às potencialidades económicas, o Iraque não dispõe de grande autodeterminação, dominado que está por interesses a nível global. Se a tal juntarmos os conflitos internos, facilmente se percebe a preocupação crescente e dramática das organizações em dar apoio aos perseguidos nesta região, que é considerado um dos epicentros de mártires. Neste sentido, depois da afirmação do Arcebispo caldeu Bashar, urge perguntar se a conhecida expressão de Tertuliano de que «o sangue de mártires é semente de novos cristãos» ainda se aplica no século XXI.

Eritreia

O terceiro país na lista da organização *Open Doors* é a Eritreia. Constante na lista dos cinquenta mais preocupantes desde 2002, neste pequeno país as restrições à liberdade religiosa partem do poder político, que impede igualmente qualquer forma de associação e a liberdade de expressão. O Conselho dos Direitos Humanos da ONU considerou que na Eritreia existem «violações sistemáticas, alargadas e grosseiras dos direitos humanos sob a autoridade do Governo»¹⁶⁸.

¹⁶⁷ Entende-se por *sharia* (segundo a transliteração inglesa do termo hebraico, que em português é “*xária*”) a legislação islâmica. Legislação resultante da interpretação o Corão e da Suna islâmica. Os movimentos e radicais islâmicos pretende a aplicação da sharia como base da legislação de cada país. Entre as implicações mais radicais está a condenação à morte por apostasia voluntária. Cf. BACKES, Reinhard, *o. c.*, p. 19.

¹⁶⁸ Cf. AA.VV., *Perseguidos e Esquecidos ...*, p. 44.

Estima-se que até ao final do ano 2014 tenham abandonado o país mais de 216 mil eritreus, que se refugiaram na Etiópia e no Sudão, aguardando a oportunidade de seguir para a Europa. A caminho do velho continente, muitos destes homens, mulheres e crianças são raptados, escravizados e/ou violados, o que constitui um novo drama humanitário para estas populações.

Sendo no país o serviço militar obrigatório para todos os homens com menos de quarenta anos, a oposição pública da Igreja Católica a este respeito, redundou em ataques contra grupos cristãos. Mas, com os católicos, outros grupos pseudo-cristãos, como as Testemunhas de Jeová e os Adventistas do Sétimo Dia são duramente reprimidos, vivendo na primeira pessoa as dores da perseguição. De tal, são exemplo o Patriarca Antonios e os cerca de dois mil cristãos detidos por motivos de crença religiosa; outros perseguidos por grupos como o Estado Islâmico, como os cinco adolescentes cristãos raptados em abril de 2015, e os oitenta e seis refugiados raptados na Líbia em junho do mesmo ano.

Paquistão

Por causa de grupos radicais como o *Daesh* e os *Taliban*, o Paquistão¹⁶⁹ sofre atualmente as consequências de não ser capaz de garantir a segurança, o bem mais elementar para a soberania de uma nação.

Num país com cerca de 180 milhões de habitantes, apenas 1,6% da população é cristã; a maioria é muçulmana, o que, num país onde o Governo aparentemente se tornou menos sensível às ameaças contra as comunidades minoritárias, coloca os cristãos como alvos fáceis para os radicais, que ganharam poder e popularidade em virtude de terem conseguido manipular as estruturas jurídicas. Neste contexto, infere-se que a vida dos cristãos esteja constantemente em perigo e que estes sejam lesados nos seus direitos.

¹⁶⁹ Cf. *Ibid*, pp. 104-114.

Não obstante os apelos de muitos líderes mundiais, inclusive do Papa, a paz teima em não prevalecer sobre uma perseguição, a que o mundo não atende. Precisamente em tendência contrária, o relatório da Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, que nos tem servido de fonte de informação, dispensa dez páginas a esta dramática realidade.

Parece ser frequente no Paquistão a insistência local para que os cristãos se convertam ao Islão, como ocorreu com Samariya Nadeem, de 16 anos, em junho de 2014¹⁷⁰. É também conhecida a história da cristã Asia Maria Bibi, que, acusada em 2009 de blasfêmia, conseguiu fugir à pena de morte decretada em 2010. São igualmente recorrentes as denúncias de que alguns cristãos são condenados à prisão, tortura, enforcamento ou fogueira por acusação de blasfêmia, como aconteceu a um casal iletrado, acusado de enviar mensagens de telemóvel com blasfêmias contra o imã de uma mesquita de Gojra, ou outro casal da província de Punjad, acusado de queimar páginas do Corão, ou ainda o ataque ao bairro cristão de Lahore motivado pela acusação de que Humayun Faisal Masih, um jovem deficiente mental, teria queimado páginas de um jornal que continha versos do Corão.

Em suma, dada a permanente instabilidade política e ausência de garantias de segurança para toda a população prevê-se que os cristãos no Paquistão vivam ainda longos dias de turbulência e privação.

Síria

Outro país envolto em grande turbulência é a Síria. Desta, a comunicação social destaca apenas a aparência sensacionalista de situações concretas vividas por milhares de pessoas em fuga ou resignados neste país em guerra. O drama dos refugiados (mais de quatro milhões, dos quais Aylan Kurdi, o menino sírio – cujo corpo apareceu nas areias da costa turca após o naufrágio da embarcação onde seguia –, é a mais cruenta imagem pública) que implica a Europa na ajuda humanitária é apenas uma pequena parte da crise

¹⁷⁰ Cf. *Ibid*, p. 113.

humanitária dos que permanecem ou estão impossibilitados de fugir (oito milhões de deslocados). Tudo está destruído¹⁷¹, não só por ação direta de infrutíferas medidas políticas como em boa parte pelos movimentos radicais, motivados pelo ódio religioso.

Em particular desde o verão de 2014, o *Daesh* intensificou as ações violentas, no considerado «paraíso da Antiguidade»¹⁷², para alargar o seu controlo territorial do norte do Iraque para o norte da Síria. Internacionalmente, o *Daesh* é motivo de preocupação pelo terrorismo perpetrado através de ataques que tem reclamado em território europeu, o que despertou uma ofensiva Europeia.

A guerra e as guerrilhas fazem baixas entre os cristãos; morrem bispos e sacerdotes; outras minorias sofrem raptos e mortes. O Arcebispo Boulos Yazigi e o Arcebispo Yohanna Ibrahim, por exemplo, estão desaparecidos desde abril de 2013; o Diácono Fatha Kabooud foi assassinado quando levava estes bispos à fronteira turca para negociar a libertação de dois sacerdotes raptados.

Na Síria o ataque direto às instituições, monumentos, igrejas e mosteiros cristãos não se faz dissimuladamente, mas tão abertamente que não deixa dúvidas de que os cristãos são para “capturar”¹⁷³. Assim, entre as vítimas destacadas no relatório *Perseguidos e Esquecidos* da Fundação AIS está o padre jesuíta Frans van der Lugt, assassinado a sete de abril de 2014, na cidade de Homs, quando, por vontade própria, dava assistência aos cristãos que não conseguiram abandonar a cidade ao mesmo tempo que os representantes da ONU. Também em junho de 2015 um novo relato dava conta de que o padre jesuíta Paolo Dall'Oglio havia sido assassinado pouco depois de ter sido raptado em Raqqah.

Recorde-se ainda que em sete de setembro de 2013, por iniciativa do Papa Francisco, organizou-se a nível mundial, um dia de oração e jejum pela paz na Síria, que estava

¹⁷¹ Cf. *Ibid*, pp. 135-142.

¹⁷² BACKES, Reinhard, *o. c.*, p. 94.

¹⁷³ Cf. AA.VV., *Perseguidos e Esquecidos ...*, p. 138.

na iminência de sofrer uma ofensiva militar liderada pelos Estados Unidos da América. Segundo o Papa Francisco «O uso da violência nunca conduz à paz. Guerra chama mais guerra, violência chama mais violência»¹⁷⁴.

Tunísia

Torna-se evidente que a situação na Síria, como exposto, se agravou desde a chegada da *Primavera Árabe*, começada em 2010 na Tunísia. Este movimento de luta pela liberdade e por melhores condições de vida, teve início a 18 de dezembro de 2010, com participadas manifestações diárias durante longas semanas. Estes protestos foram impulsionados pelo suicídio do jovem Mohamed Bouazizi, vendedor de fruta ilegal que se imolou em público como forma de protesto pela precariedade de vida generalizada na Tunísia. Assim começou também chamada *Revolução de Jasmim*, que se propagou a outros países do Oriente Médio e Norte de África.

Contrariamente ao impacto negativo que teve em outros países que viveram a *Primavera Árabe*, a Tunísia vive dias de melhor coabitação, sendo classificada, no âmbito da perseguição religiosa, no lugar trinta e dois da lista da organização *Open Doors*, apesar de se registar, em 2015, um ligeiro aumento dos casos de discriminação ou ameaça contra os cristãos, principalmente devido à presença de terroristas islâmicos.

«A Constituição define a identidade da Tunísia da seguinte forma: “A Tunísia é um estado livre, independente e soberano. O Islamismo é a sua religião, o árabe a sua língua e a república a sua forma de governo” (Artigo 1). No Artigo 2 é afirmado: “A Tunísia tem a natureza de um estado civil, baseado na cidadania, na vontade do povo e no primado da lei”. A *sharia* não é, portanto, referida como fonte da lei¹⁷⁵, mas ao se afirmar que a religião do Estado é o Islamismo, a mesma está implicitamente presente no horizonte de fundo.

¹⁷⁴ Francisco, “Angelus”, 1 de setembro de 2013, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2013/do_cuments/papa-francesco_angelus_20130901.html (Consultado em 05-07-2016).

¹⁷⁵ Fundação AIS, “Liberdade religiosa no mundo relatório de 2014”, in <http://www.aidtochurch.org/report/2014/por/pdf/Tunisia.pdf> (Consultado em 02-06-2016).

A perseguição religiosa perpetrada por radicais islâmicos afeta outros países, a saber: o Afeganistão, a Arábia Saudita, a Argélia, o Bangladesh, o Barém, a Birmânia, o Brunei, o Butão, o Qatar, as Comores, o Egito, os Emirados Árabes Unidos, o Iémen, a Indonésia, o Irão, o Iraque, Israel/Palestina, o Líbano, a Malásia, as Maldivas, o Mali, a Nigéria, Omã, o Quênia, a República Centro Africana, a Somália, o Sri Lanka, o Sudão, o Tadjiquistão, a Tanzânia, a Transjordânia e a Turquia.

Apesar da maior divulgação, levada a cabo pela comunicação social, sobre a perseguição contra cristãos por radicais islâmicos (*xiitas* e *sunitas*), subsistem, além desta e, embora de modo muito menos frequente e violento, perseguições cometidas por radicais de outras religiões (judeus, hindus e budista)

Israel

Em Israel extremistas judeus levaram a cabo ataques à Igreja da Multiplicação dos Pães em Tabgha, na Galileia, concretamente em abril de 2014 e junho de 2015, tendo, neste último ataque, incendiado e destruído parte do edifício.

Na “Terra Santa”, historicamente epicentro de graves e complexos conflitos, vivem-se dias de profunda incerteza, crescem os grupos radicais islâmicos e as definições territoriais não são reconhecidas pela comunidade internacional; muros dividem populações e bens e o poder político imiscui-se nos preceitos e direitos religiosos¹⁷⁶.

A maioria da população é judaica (75%), representando os muçulmanos mais de 18% e os cristãos apenas 2%. Todos têm neste pequeno espaço presença histórica com vários monumentos e locais sagrados – alguns coincidentes –, o que, a par de ameaças e intolerâncias múltiplas dos radicais de ambas as partes, faz deste um país em conflito constante com medidas de segurança muito apertadas e restritivas. Assim sendo, os cristãos palestinianos que queiram visitar os lugares sagrados de Jerusalém têm de pedir autorização

¹⁷⁶ Cf. AA.VV., *Perseguidos e Esquecidos ...*, pp. 82-89.

às autoridades israelitas. Já os cristãos residentes na Faixa de Gaza estão sujeitos à «crescente islamização da sociedade desde que o Hamas assumiu o poder»¹⁷⁷.

Os cristãos de Israel e dos Territórios Palestínianos estão, no presente sujeitos a pressões diárias e de várias frentes. Sofrem atos de vandalismo, ódio e discriminação. Assim o atestam os recentes ataques e vandalismo a igrejas e conventos, como aconteceu, em abril de 2013, no convento das Irmãs de Belém em Beit Jamal, atacado com *cocktails Molotov*, ou ainda as inscrições em hebraico incitando à “morte aos gentios”.

Apesar das palavras do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, de condenação contra aqueles que atacam os cristãos, a legislação israelita tem vindo a reprimir progressivamente as atividades missionárias em Israel. Tal movimento legislativo deve-se ao receio de que o Cristianismo converta os judeus, pois constata-se que «nos últimos anos (1995-2015), mais judeus se converteram ao Cristianismo do que nos 1900 anos anteriores»¹⁷⁸.

China

A realidade da China é distinta das restantes. As principais ações contra os cristãos têm-se traduzido na destruição de estruturas como Igrejas e monumentos cristãos, sob o pretexto de uma lei de planeamento. Contam-se, no ano de 2014, quinhentos e setenta e dois casos de ataques a edifícios, mas registam-se ainda, no mesmo período, quatrocentos e quarenta e nove incidentes com líderes religiosos, segundo a *ONG China Aid*.

Relativamente ao ano de 2015, existem seiscentos e cinquenta casos claros de perseguição religiosa, segundo a *Christian Solidarity Worldwide*, casos que incluem igualmente a destruição de igrejas e remoção de cruzeiros.

Acredita-se que estas ações estejam ligadas aos receios do Governo chinês de que o Cristianismo cresça nas próximas décadas e, assim, prejudique as políticas comunistas e

¹⁷⁷ *Ibid*, p. 83. O Hamas é um movimento político radical islâmico de origem sunita, considerado terrorista. Pretende assumir o controlo da Palestina de forma legítima, mas é acusado de incutir o medo e tentar a islamização pela violência.

¹⁷⁸ *Ibid*, p. 87.

ateístas do país. Atualmente, segundo fontes oficiais, 52% da população identifica-se com o ateísmo e apenas 5% se diz cristã, sendo a restante população pertencente às religiões tradicionais, Budismo e Islão.

Para a organização *Open Doors*, a China ocupa o trigésimo terceiro lugar na lista dos países com registos mais preocupantes de perseguição religiosa. No entanto, prevalece a repressão governamental e o sentimento constante de escravidão.

Entre os casos recentes de manifesta repressão do Cristianismo, está elencada a detenção domiciliária do bispo Thaddeus Ma Daquin, auxiliar de Xangai, que, depois de se recusar aderir à Associação Patriótica Católica Chinesa, permanece em prisão domiciliária, impedido de exercer livremente as suas funções, apesar de não decorrer qualquer processo judicial formal contra ele, desde julho de 2015.

De igual forma, muitos bispos, padres e pastores são detidos e impedidos de realizar a atividade pastoral devida¹⁷⁹ sem enfrentarem qualquer processo formal. Sobre as dificuldades de intromissão do poder estatal nas decisões eclesiais (nomeadamente nomeações episcopais) o Papa Bento XVI escreveu, em 2007, uma carta a todo o povo cristão chinês apelando à unidade e comunhão¹⁸⁰.

Ucrânia

Diversamente, a situação da Ucrânia, em comparação com os países descritos anteriormente, é distinta. O conflito armado iniciado com a queda do Governo pró-Putin de Viktor Yankovych, em fevereiro de 2014, e com a anexação da península da Crimeia à Rússia tem as suas origens na história recente deste país.

No século XX, este foi um território de conflitos políticos e económicos que ditaram as posições de confronto atuais. O mesmo é dizer que a Ucrânia sonha com dois mundos

¹⁷⁹ Cf. *Ibid*, pp. 18-28.

¹⁸⁰ Cf. Bento XVI, *Carta aos católicos chineses*, AAS, 99, (2007), 553-581.

difícilmente conciliáveis: um, centrado na desvinculação total em relação à Rússia; outro, na permanência de relações de lealdade para com esta.

Independentemente do futuro, a cultura que permite a união do povo ucraniano reside nos seus vínculos de fé, pois a Igreja Ortodoxa do Patriarcado de Moscovo é a mais influente na Ucrânia, seguida da Igreja Ortodoxa do Patriarcado de Kiev e da Igreja Greco-Católica Ucraniana. Desta forma, percebemos que o motivo que os une é também o motivo que os separa, já que aqueles que desejam a abertura ao ocidente desprezam os do Patriarcado de Moscovo e vice-versa.

Por este motivo, a Ucrânia entra na lista dos países com registos de perseguição religiosa, mas de motivação económica e política.

Entre os casos mais explícitos de perseguição religiosa, está elencado o homicídio do padre Pavel Zhuchenko, em maio de 2014; a tortura e morte de quatro jovens cristãos, em agosto do mesmo ano, e a tomada de edifícios e destruição de igrejas (mais de sessenta na Diocese de Donetsk) em 2015¹⁸¹.

México

Apesar da perseguição religiosa ter maior incidência em África e na Ásia, seja devido à islamização, seja por causa da persistência de regimes comunistas, na América Latina existem igualmente relatos de situações dramáticas de falta de liberdade e insegurança na vivência religiosa.

No México, tal como em outros países da América Latina, os cristãos que tomam parte ativa na luta contra as guerrilhas populares ou contra a corrupção são ameaçados, perseguidos, sequestrados e torturados por grupos não identificados. Em contrapartida, o Governo não garante a segurança desta que é a grande maioria da população e que luta,

¹⁸¹ Cf. AA.VV., *Perseguidos e Esquecidos ...*, pp. 154-159.

tantas vezes pelos mais desfavorecidos. Por estes motivos, o México ocupa o quadragésimo lugar da lista da *Open Doors*¹⁸².

Perante o panorama do martírio no século XXI, descrito até aqui, podemos encontrar grande proximidade com o panorama do martírio nos primeiros séculos. Entre os fatores comuns temos: perseguição declarada pelo poder político vigente; condenações públicas; intolerância quanto à presença de símbolos religiosos em locais públicos; limitações e proibições na liberdade de culto; perseguição por parte de outras religiões com consequente imposição legislativa, jurídica e até imposição da conversão.

¹⁸² <https://www.opendoorsusa.org/christian-persecution/world-watch-list/mexico/> (Consultado em 22-6-2016).

Conclusão

Martírio: memória e identidade

Depois da descrição de alguns casos recentes de perseguição contra cristãos, ocorridos um pouco por todo o mundo, ficamos com a clara consciência de que os mártires do século XXI partilham o sentido e a forma dos mártires dos anteriores séculos do Cristianismo. Em muitos casos, a confissão pública, precedida à morte, ainda é um requisito, o que torna evidente o momento de glória, embora em vários casos a envolvimento dissimula a real causa da morte, o *odium fidei*.

Tivemos a oportunidade de perceber que o mártir não é só aquele que derrama o seu sangue por professar a fé em Jesus Cristo – Filho de Deus, mas abrange todos aqueles que, de alguma forma, se entregam totalmente ao serviço aos outros, quer pela oração, quer pela ação caritativa, quer pela morte efetiva. Portanto, todos os cristãos podem viver o martírio, não tendo para isso de viver em tempo de perseguição religiosa, nem de procurar os sofrimentos.

Tal como o Apóstolo Paulo, que viveu os sofrimentos do seu tempo como meio de configuração a Cristo e instrumento para completar o que lhe faltava das tribulações de Cristo – expoente máximo da manifestação do amor *por vós* –, também os que hoje estão em sofrimento, por virtude da vivência cristã, completam em si o que lhes falta das mesmas tribulações.

Desta forma, se Paulo, como Estêvão e tantos outros, foram considerados mártires e tesouros para a Igreja primitiva, igualmente, os mártires dos nossos dias são exemplos de

perseverança e fé, evidenciando o núcleo identitário do Cristianismo. Os mártires constroem a identidade cristã, pois «a perseguição e a possibilidade do martírio permite ao cristão exercitar e fortalecer a sua fé»¹⁸³.

Por isso são recordados com particular solenidade na Liturgia, uma vez que a memória, na sua formulação bíblica, tem a missão de tornar presente um acontecimento passado e permitir a exploração de riquezas ainda escondidas. Na celebração memorial dos mártires os cristãos tornam presente o que celebram e dão sentido e identidade à existência cristã. Por sua vez, a identidade cristã está profundamente marcada pela perseguição e martírio¹⁸⁴, a tal ponto de se refletir na cultura e na arte, como por exemplo: literatura martirial, martirologio, vestes litúrgicas (vermelho) e relicários, entre outros. Sobre este aspeto muito mais haveria a desenvolver, nomeadamente, as consequências culturais que os mártires provocam nas localidades por onde passam.

Tal como vimos anteriormente, os mártires dos primeiros tempos da Igreja e os dos nossos dias partilham a mesma riqueza da vocação martirial. Assim, vislumbramos Cristo nos missionários perseguidos na Coreia do Norte, no arcebispo siro-católico Basile Georges Casmoussa e em Qais Abd Shaya e Saher Hann Sony (Iraque), no Patriarca Antonios (Eritreia), nos cristãos residentes no Paquistão, no Arcebispo Boulos Yazigi, no Arcebispo Yohanna Ibrahim e no Diácono Fatha Kabooud (Síria), nos cristãos discriminados na Tunísia, nos religiosos presentes em Israel, em todos os cristãos clandestinos da China, bem como no padre Pavel Zhuchenko da Ucrânia e em todos os cristãos vítimas de guerrilhas locais (por exemplo o México).

Em todos estes, como em tantos outros, cujos nomes ficaram e ficarão esquecidos na história, reencontramos a afirmação «*Agora, alegro-me nos sofrimentos que suporto por*

¹⁸³ SILVA DA CRUZ, Marcus, “Religião e Identidade no discurso historiográfico do IV século: Eusébio de Cesareia e Amiano Marcelino” in, <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S.25.1289.pdf>. (Consultado em 22-08-2016).

¹⁸⁴ Cf. *Ibid.*

vos e completo o que falta das tribulações de Cristo à minha carne, pelo Seu Corpo, que é a Igreja».

Independentemente da autoria da Carta aos Colossenses – que, como vimos, poderá ser pensamento paulino ou reflexo da idealização da dimensão apostólica de Paulo –, concluímos que o “agora” de Paulo é também o *agora* de tantos mártires, os seus “sofrimentos” são ainda a realidade de incontáveis fiéis em todo o mundo que sofrem perseguição de diferentes formas. Além disso, o “por vós” ainda está bem presente em quantos encontram nas atividades apostólicas uma oportunidade e um meio que beneficiará os membros da Igreja.

Em todo o caso, a realidade martirial dos nossos dias tem despertado cada vez mais o sentido de pertença – como Paulo exortou à comunidade de Colossos – a uma família a nível global, a Igreja, Corpo de Cristo. Nela vive-se a comunhão constante e por isso existe partilha de alegrias e sofrimentos. Isto refletiu-se recentemente na assistência, com bens materiais e com orações, às igrejas perseguidas da Ucrânia e da Síria a pedido dos bispos locais e do Papa Francisco.

Precisamente nesta linha, uma característica que marca o martírio do século XXI é o desinteresse dos perseguidores quanto à filiação eclesial. Isto é, os cristãos são perseguidos independentemente de pertencerem à Igreja Católica Romana, às Igrejas Ortodoxas, à Igreja Copta, às Igrejas Protestantes ou a qualquer outra confissão, pois a causa é a sua fé em Cristo. Neste sentido, a expressão «ecumenismo de sangue»¹⁸⁵, muito utilizada pelo Papa Francisco, é sinal do Reino de Deus, ou seja, de unidade e comunhão entre aqueles que vivem e anunciam Cristo, derramando o Seu sangue.

¹⁸⁵ Cf. Francisco, “Carta aos Cristãos do Médio Oriente”, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2014/documents/papa-francesco_20141221_lettera-cristiani-medio-orientale.html (Consultado em 22-08-2016); cf. Francisco, “Discurso ao Reverendo John P. Chalmers moderador da Igreja da Escócia”, in https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/february/documents/papa-francesco_20150216_moderatore-chiesa-scozia.html (Consultado em 22-08-2016).

Apesar da centralidade que a expressão pode adquirir no diálogo ecumênico, por impulso dos responsáveis máximos de cada Igreja, observa-se ainda alguma ausência de tratamento acadêmico desta temática. Torna-se também necessário compreender os benefícios que o martírio pode trazer para a unidade dos cristãos.

Os Bispos e responsáveis eclesiais têm dirigido às comunidades perseguidas várias mensagens de consolo e exortação. Particularmente, o arcebispo de San Salvador, Óscar Romero, que viveu nos antecedentes imediatos da Guerra Civil (*guerrilha*), escreveu diversas cartas pastorais e cartas particulares dando conta das perseguições de que a Igreja local era alvo. Alegra-se, porém, porque:

«O sangue dos mártires é semente de novos cristãos. O testemunho de muitos sacerdotes que foram mortos com o seu povo, em virtude do seu empenho evangélico, tem suscitado muitas vocações sacerdotais»¹⁸⁶.

Apesar das desigualdades sociais, da crescente violência e da perseguição aberta realizada contra a igreja salvadorenha, o arcebispo Romero não cessava de exortar a unidade e a perseverança nas virtudes cristãs. Ele, que viu o seu povo perseguido e a autonomia da igreja de San Salvador ameaçada, acabou igualmente por padecer as mesmas tribulações, resultando para o mundo e para a história como uma das pessoas que mais lutou pelo povo perseguido neste país.

Também a recente perseguição e devastação de comunidade cristãs no Egito, no Iraque e na Síria tem gerado ondas de indignação públicas, tal como a profunda preocupação dos bispos locais.

¹⁸⁶ ROMERO, Óscar, *A Igreja não se pode calar. Escritos inéditos 1977-1980*, ed. Paulinas, Prior-Velho, 2015, p. 36.

Neste sentido, logo após o massacre dos 21 cristãos coptas, na Líbia a 15 de fevereiro de 2015, varias vozes se levantaram para os aclamar mártires de Cristo, inclusive o Papa Francisco:

«Rezemos por eles (os 21 cristãos coptas) a fim de que o Senhor os acolha como mártires, pelas suas famílias, pelo meu irmão Tawadros que sofre muito»¹⁸⁷.

Tal como para Paulo os sofrimentos resultantes da ação apostólica eram fonte de alegria e mais-valias para a Igreja, será que os fiéis do nosso tempo cultivam uma tal consciência e alegria? Sabemos nós a importância do testemunho que manifestamos perante o mundo?

Também, à semelhança do que afirma Paulo em 1Cor 4, 9:

«De facto, parece que Deus nos pôs a nós, os apóstolos, no último lugar, como se fôssemos condenados à morte, porque nos tornámos espetáculo para o mundo, para os anjos e para os homens».

¹⁸⁷ Francisco, “Meditação matutina do dia 17 de fevereiro de 2015”, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2015/documents/papa-francesco-cotidie_20150217_decapitados-por-serem-cristaos.html (Consultado em 06-07-2016).

Bibliografia

Fontes principais

Bíblia Sagrada, ed. Difusora Bíblica, 5ª edição, Lisboa/Fátima 2009.

AA.VV., *Perseguidos e Esquecidos um relatório sobre os Cristãos Oprimidos por causa da sua Fé 2013/2015*, ed. Fundação AIS, 2015.

ALETTI, Jean-Noël, *Saint Paul Épître aux Colossiens*, ed. J. Gabalda Et C^{ie}, Études Bibliques, Paris, 1993.

BACKES, Reinhard, *Por causa do meu nome. Perseguição aos cristãos nos dias de hoje*, ed. Paulinas e Fundação AIS, Prior Velho, 2007.

NESTLE, E. e ALAND, K., *Novum Testamentum Graece*, ed. Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, 1993.

Bibliografia citada

A Bíblia, TEB, ed. Loyola e Paulinas, São Paulo, Brasil, 1995.

Bíblia de Jerusalém, ed. Paulinas, São Paulo, 1980.

Bíblia Pastoral, ed. Paulinas, Lisboa, 1993.

Bíblia Sagrada, ed. Vozes, Petrópolis, 1982.

Bíblia Sagrada. Traduzida da Vulgata e anotada pelo Pe. Matos Sousa, ed. Paulinas, São Paulo, 1963.

AGOSTINHO DE HIPONA, *Comentário ao Salmo 61, 4*, in MARTIN PEREZ, Balbino, *Obras de San Agustin, XX*, BAC, Madrid, 1965.

ALETTI, Jean-Noël, *Eclesiología de las cartas de San Pablo*, ed. Verbo Divino, Estella (Navarra), 2012.

ALETTI, Jean-Noël, S.J., *Lettera ai Colossesi*, ed. Dehoniane Bologna, Bologna, 1994.

- BAGGIO, Antonio Maria, “Introduzione: dall’eroe al martire. Dimensioni della libertà de moriré”, in *Nuova Umanità*, XXXIV, 200, (2012/2).
- BALTHASAR, Hans Urs von, *Sólo el amor és digno de fe*, ed. Sígueme, 2ª edição, Salamanca, 2006.
- Bento XVI, *Carta aos católicos chineses*, AAS, 99, (2007).
- BERGER, K., “χαίρω”, in AA.VV., *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento, II*, ed. Sígueme, 2ª edição, Salamanca, 2002.
- BOFF, Leonardo, “Reflexión sistemática sobre el martirio”, in *Concilium*, 183, (1983).
- BRAGANÇA, J., “Martírio e santidade”, in *Communio*, IV, (1987/2).
- CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição Dogmática «*Lumen Gentium*», 42, in *AAS*, 57, (1965).
- DANIEL-ROPS, *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, ed. Quadrante, São Paulo, 1988.
- DUNN, James D. G., *A teologia do apóstolo Paulo*, ed. Paulus, São Paulo, 2003.
- ELLIGER, W., “ἐν”, in AA.VV., *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento, I*, ed. Sígueme, 3ª edição, Salamanca, 2005.
- ENDO, Shusaku, *Silêncio*, ed. Dom Quixote, 2ª edição, Alfragide, 2010
- FIGURA, Michael, “Martírio e seguimento de Jesus”, in *Communio*, XIII, (1996/2).
- Francisco, “Angelus”, 1 de setembro de 2013, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2013/documents/papa-francesco_angelus_20130901.html (05-07-2016).
- Francisco, “Carta aos Cristãos do Médio Oriente”, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2014/documents/papa-francesco_20141221_lettera-cristiani-medio-oriente.html (Consultado em 22-08-2016).
- Francisco, “Discurso ao Reverendo John P. Chalmers moderador da Igreja da Escócia”, in <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/february/documents/>

papa-francesco_20150216_moderatore-chiesa-scozia.html (Consultado em 22-08-2016).

Francisco, “Meditação matutina do dia 17 de fevereiro de 2015”, in *http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2015/documents/papa-francesco-cotidie_20150217_decapitados-por-serem-cristaos.html* (Consultado em 06-07-2016).

FREIRE DUARTE, Alexandre, “Apontamentos sobre a «espiritualidade vitimal» em Alexandrina Maria da Costa”, in *Theologica*, 2ª Série, 49, 1, (2014).

FUNDAÇÃO AIS, “Liberdade religiosa no mundo relatório de 2014”, in *http://www.aidto-church.org/report2014*.

GÄRTNER, B., “Sufrimiento”, in *Diccionario Teologico del Nuevo Testamento, IV*, ed. Sígueme, 3ª edição, Salamanca, 1994.

GNILKA, Joaquim, *Teología del Nuevo Testamento*, ed. Trotta, Madrid, 1998.

GRASSI, Joseph A., “Carta a los Colosenses” in, AA.VV., *Comentario Bíblico «San Jerónimo»*, ed. Cristiandad, IV, Madrid, 1972.

HAHN, F., “Χριστός, οὔ, (ό)”, in AA.VV., *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento, II*, ed. Sígueme, 2ª edição, Salamanca, 2002.

HÜBNER, H., “πληρώω”, in AA.VV., *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento, II*, ed. Sígueme, 2ª edição, Salamanca, 2002.

JANSSENS, Jos, “El martirio: gracia de Dios y testimonio de amor obediente”, in *Selecciones de Teologia*, 93, (1985).

João Paulo II, Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, 37, in *AAS*, 87, (1995).

João Paulo II, Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, 24, in *AAS*, 76, (1984).

KREMER, J., “θλίψις, εως, ή”, in AA.VV., *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento, I*, ed. Sígueme, 3ª edição, Salamanca, 2005.

- KREMER, J., “παθήμα, ατος, τό”, in AA.VV., *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento, II*, ed. Sígueme, 2ª edição, Salamanca, 2002.
- LAMELAS, Isidro, “Deus sofre nos seus amigos: os mártires”, in *Communio*, XX, (2003/6).
- MALY, Eugene H., *Conocer la Biblia: Nuevo Testamento. Epístolas de Santiago, Judas y Pedro*, ed. “Sal Terrae”, Santander, 1966.
- MARTÍNEZ DÍEZ, Felicísimo, *Crer em Jesus Cristo viver como cristão. Cristologia e seguimento*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2007.
- MURPHY-O’CONNOR, Jerome, OP, *Paulo. Biografia Crítica*, ed. Loyola, São Paulo, 2000.
- OPEN DOORS USA, in <https://www.opendoorsusa.org/>.
- PASTOR, Federico, *Corpus Paulino II. Comentarios a la Nueva Biblia de Jerusalén*, ed. Desclée De Brouwer, 2ª edição, Sevilha, 2005.
- PATSCH, H., “ὕπερ”, in AA.VV., *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento, II*, ed. Sígueme, 2ª edição, Salamanca, 2002.
- PENNA, R., “Colosenses (Carta a los)”, in *Nuevo Diccionario de Teología Bíblica*, ed. Paulinas, Madrid, 1990.
- PEREIRA LAMELAS, Isidro, *As Origens do Cristianismo. Padres Apostólicos*, ed. Paulus, Apelação, 2016.
- RADL, W., “νῦν”, in AA.VV., *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento, II*, ed. Sígueme, 2ª edição, Salamanca, 2002.
- RAHNER, Karl, “Dimensiones del martirio”, in *Concilium*, 183, (1983).
- RATZINGER, Joseph, *Introdução ao Cristianismo*, ed. Principia, Cascais, 2006.
- RICCARDI, Andrea, *O Século do martírio*, ed. Quetzal, Lisboa, 2002.

- ROBERT, J. Daly, “Imágenes de Dios e imitación de Dios: Problemas en torno a la idea de expiación/santificación”, in *Selecciones de Teología*, 188, (2008).
- ROLOFF, J., “ἐκκλησία, ας, ἡ”, in AA.VV., *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*, I, ed. Sígueme, 3ª edição, Salamanca, 2005.
- ROMERO, Óscar, *A Igreja não se pode calar. Escritos inéditos 1977-1980*, ed. Paulinas, Prior-Velho, 2015.
- S. MARIA, Melchiorre di, CAPPELLETTI, A., “Mártir”, in ANCILLI, Ermanno, *Diccionario de Espiritualidad*, ed. Herder, Barcelona, 1987.
- SÁNCHEZ BOSCH, Jordi, *Escritos Paulinos*, ed. Verbo Divino, Estella, 2009.
- SAND, A., “σάρξ, σαρκός, ἡ”, in AA.VV., *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*, II, ed. Sígueme, 2ª edição, Salamanca, 2002.
- SCHWAGER, Raymond, “Imitar y seguir”, in *Selecciones de Teologia*, 107, (1988).
- SCHWEIZER, E., “σῶμα, ατος, τό”, in AA.VV., *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*, II, ed. Sígueme, 2ª edição, Salamanca, 2002.
- SCHWEIZER, Eduard, *La Carta a los Colosenses*, ed. Sígueme, Salamanca, 1987.
- SILVA DA CRUZ, Marcus, “Religião e Identidade no discurso historiográfico do IV século: Eusébio de Cesareia e Amiano Marcelino” in, <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S.25.1289.pdf>. (consultado em 22-08-2016).
- SNODGRASS, Mary Ellen, *Clássicos Romanos*, ed. Publicações Europa-América, Mem-Martins, 1993.
- STRATHMANN, H., “μάρτυς”, in AA.VV., *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, VI, ed. Paideia, Brescia, 1968.
- VILA-CHÃ, João J., “Igrejas e mártires: o martírio como símbolo e condição do ser-cristão”, in *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, 8, 2009.

VITORIA, Javier, “El rostro de Dios que se vislumbra en el crucificado”, in *Selecciones de Teologia*, 207, (2013).

WACHSMANN, Nikolaus, *KL. A História dos Campos de Concentração Nazis*, ed. Dom Quixote, Alfragide, 2015.

ZENIT – <https://pt.zenit.org/>.

Bibliografia consultada

AAVV. *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento, IV*, ed. Sígueme, 3ª edição, Salamanca, 1994

AHERN, C.P. Barnabas Mary, “Realismo de la unión del cristianismo con el cuerpo de cristo”, in *Selecciones de Teologia*, 1, (1962).

BALTHASAR, Hans Urs von, “Testemunho e credibilidade”, in *Communio*, V, (1988/2).

BULTMANN, Rudolf, *Teología del Nuevo Testamento*, ed. Sígueme, Salamanca, 1981.

CLARKE, Kevin, *Óscar Romero. O amor deve triunfar*, ed. Paulinas, Prior Velho 2014.

COENEN, L., “Testimonio”, in *Diccionario Teologico del Nuevo Testamento, IV*, ed. Sígueme, 3ª edição, Salamanca, 1994.

COTHENET, Edouard, *Las cartas a los colosenses y a los efesios*, ed. Verbo Divino, Estella, 1994.

DODD, C. H., *A mensagem de São Paulo para o Homem de hoje*, ed. Paulinas, São Paulo, 1979.

DUFFEY, Michael K., “Llamados a la santidad: Moral cristina y espiritualidad”, in *Selecciones de Teologia*, 107, (1988).

FEUILLET, André, “Morir y resucitar con Cristo”, in *Selecciones de Teologia*, 9, (1964).

FITZMYER, Joseph A., *A Teología de San Pablo*, ed. Cristiandad, Madrid, 2008.

- FLEMINGTON, W. F. “On the interpretation of Colossians I:24”, in AA.VV., *Suffering and Martyrdom in the New Testament*, ed. Cambridge University Press, Cambridge, 1981.
- GAROFALO, S., “Gozo”, in *Nuevo Diccionario de Teología Bíblica*, ed. Paulinas, Madrid, 1990.
- HENGEL, Martin, “La muerte expiatoria de Jesús. Orígenes de la predicación primitiva”, in *Selecciones de Teología*, 79, (1981).
- HORGAN, Maurya P., “La Lettera ai Colossesi” in, AA.VV. *Nuovo Grande Commentario Biblico*, ed. Queriniana, 2ª edição, Brescia, 2002.
- LYONNET, Stanilas, “El valor soteriológico de la resurrección de Cristo según San Pablo”, in *Selecciones de Teología*, 9, (1964).
- MACDONAL, Margaret Y., *Las Comunidades Paulinas*, ed. Sigueme, Salamanca, 1994.
- MAIER, Hans, “Mudança de religião e perseguição religiosa. Uma visão comparative”, in *Communio*, XXXI, (2014/3).
- MOLTMANN, Jürgen, “La pasión de Cristo y el dolor de Dios”, in *Selecciones de Teología*, 129, (1994).
- NÚNES, Miguel de Burgos, *Pablo, predicador del Evangelio*, ed. San Estevan, 2ª edição, Madrid, 2004.
- SÁNCHEZ BOSCH, Jordi, *Maestro de los pueblos. Una teología de Pablo, el apóstol*, ed. Verbo Divino, Estella, 2007.
- SOBRINO, Jon, “La resurrección de Jesús desde las víctimas”, in *Selecciones de Teología*, 156, (2000).
- TORRES QUEIRUGA, Andrés, “Creados por Amor: La santidad cristiana”, in *Concilium*, 351, (2013).

URBANO, Carlota Miranda, “Tipologias literárias do martírio na hagiografia. As origens”,
in *Theologica*, 2ª série, 41, (2006/2).

VARILLON, S.J., François, *Alegria de crer e de viver*, ed. A.O., 2ª edição, Braga, 2013.

Índice

Siglas.....	1
Introdução	3
1. Dos sofrimentos de Paulo às tribulações de Cristo	7
1.1. O Autor da Carta aos Colossenses.....	7
1.2. A Comunidade de Colossos.....	12
1.3. Razões e conteúdo da carta.....	13
1.4. Cl 1, 24	18
1.4.1. Enquadramento.....	19
1.4.2. Análise Gramatical.....	22
1.4.3. Comentário Exegético	28
a) “Das tribulações de Cristo”	28
b) “Completo o que falta à minha carne”.....	31
c) Sofrimentos de Paulo.....	33
d) Pela Igreja, Corpo de Cristo	34
2. A Via do Martírio.....	37
2.1. Jesus Cristo, o arqui-mártir	38
2.2. Relevância do martírio na vida cristã.....	42
2.2.1. Martírio Vermelho	48
2.2.2. Martírio Branco.....	51

2.2.3. Martírio Verde	53
2.2.4. Outras versões de Martírio	54
2.3. A realidade atual	56
Conclusão.....	75
Bibliografia	81
Índice.....	89